



**ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO**

**Relatório da Prática de Ensino Supervisionada
em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário**

“Educação para uma melhor Compreensão da Arte Contemporânea”

Autora

Marta Sofia Rego Alberto

Orientadores:

Professora Doutora Manuela Cristóvão

Professor Doutor Leonardo Charréu

Évora 2013

**Relatório da Prática de Ensino Supervisionada
para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Artes Visuais
do 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário realizada
nas Escolas Secundária de Vendas Novas e Básica André de Resende**

**Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e
Secundário**

Autora

Marta Sofia Rego Alberto

Orientadora: Professora Doutora Manuela Cristóvão

Co-orientador da Universidade: Professor Doutor Leonardo Charréu

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada
para a obtenção do grau de Mestre em ensino de Artes Visuais
no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário

“Educação para uma melhor Compreensão da Arte Contemporânea”

Resumo

No âmbito do Mestrado de Ensino de Artes Visuais, no 3º ciclo do ensino Básico e Secundário, surge o desenvolvimento do relatório de estágio onde se procurará executar uma análise reflexiva de todo o trabalho executado durante a prática de ensino supervisionada (PES).

Este relatório é composto por um discurso pessoal, que descreverá experiências e reflexões vividas no âmbito da PES. Em conformidade com o tema que se pretende desenvolver durante a mesma, tem-se como objectivo, a criação de estratégias pedagógicas direccionadas para o desenvolvimento, da cultura visual dos alunos, actualizada e focada na arte nacional e internacional, pretendendo-se assim uma *melhor Compreensão da Arte Contemporânea*.

Este relatório visa assim reflectir, experiências vivenciadas durante a PES, abrangendo também referências dos projectos desenvolvidos no âmbito da prática docente das disciplinas de Desenho A e de Educação Visual, que comportam uma prática pedagógica curricular, adaptada, com vista a uma melhor Educação Artística.

Palavras-Chave: Educação Artística; Cultura Visual; Prática Pedagógica; Compreensão; Arte Contemporânea.

**Report of the Supervised Teaching Practice
to achieve the Master's Degree in Teaching of the Visual Arts
at the 3rd Cycle of Basic and Secondary Education**

“Education for Better Understanding of Contemporary Art”

Abstract

As a part of the Master of Visual Arts Education in the 3rd cycle of primary and secondary school, this report has been developed, where it will seek to implemented a reflective analysis of all work performed during the supervised teaching practice (PES).

This report consists of a first person account, describing, experiences lived through the PES. In the context of the theme to be developed, the aim is to reflect upon new strategies for teaching methods. These will focus on increase and update of visual culture focus on national and international art. This report includes the experiences collected during PES, but also projects that have been developed within the teaching of the discipline of Drawing A, and the discipline of Visual Education, which both include a practical approach of the curriculum, adapted so that it can better the students education and improve a better comprehension of contemporary art.

Keywords: Arts Education; Visual Culture; Teaching Practice; Comprehension; Contemporary Art.

Agradecimentos

Apesar de se tratar de um processo individual, não posso deixar de referir os grandes apoios que pude ter ao longo de todo o Mestrado, pois sem eles nunca teria conseguido chegar até esta etapa. Atribuo assim agradecimentos às seguintes pessoas:

À Sara Vaz e ao João Jorge, por todo o companheirismo, amizade e amor dados ao longo de todos estes anos.

À Mónica Freire pela sua dedicação e paciência infinita.

E finalmente aos meus Pais, Avós e Irmão, pois sem os mesmos nada disto seria possível.

Abreviaturas utilizadas

PES - Prática de Ensino Supervisionada

PCT - Projecto Curricular de Turma

CEF - Cursos de Educação e Formação

APSA - Associação Portuguesa de Síndrome de Asperger

EFA - Educação e Formação de Adultos

ASE - Apoio Social Escolar

Índice

Resumo	III
Abstract	IV
Agradecimentos	V
Abreviaturas utilizadas	VI
Índice	VII
Índice de figuras	IX
Índice de gráficos	IX
Introdução	1
1. Conhecimento do Contexto: Preparação científica, Pedagógica e Didática	3
1.1. Conhecimento das Intituições Escolares	3
1.1.1. Escola Secundária de Vendas Novas	3
1.1.2. Escola Básica André de Resende	14
1.2. Conhecimento dos Currículos e dos Conteúdos	21
1.2.1. Programa Nacional de Desenho A – 12º Ano	21
1.2.2. Programa de Educação Visual 7º Ano - Ajustamento	26
2. Educação para uma melhor compreensão da arte Contemporânea	28
3. Planificação e condução das aulas e avaliação das aprendizagens	39
3.1. Perspectiva Educativa e Métodos de Ensino	39
3.2. Preparação das Aulas	44
3.2.1. Preparação das aulas de Desenho A - 12º Ano	44
3.2.2. Preparação das Aulas de Educação Visual – 7º Ano	46
3.3. Condução das Aulas	50
3.3.1. Condução das Aulas de Desenho A - 1º Aula Supervisionada	50
3.3.2. Condução das Aulas de Desenho A – 2º Aula Supervisionada	53
3.3.3. Condução das Aulas de Educação Visual – 3º Aula Supervisionada	56
3.3.4. Condução das Aulas de Educação Visual – 4º Aula Supervisionada	59
3.4. Avaliação das Aprendizagens dos Alunos e os seus Impactos	62
3.4.1. Escola Secundaria de Vendas Novas	62

3.4.2. Escola Básica André de Resende	63
4. Análise da prática de ensino	65
5. Participação nas escolas	68
6. Desenvolvimento profissional	71
7. Conclusões	72
8. Fontes e referências.....	74

Índice de figuras

Imagem 1 Escola Secundária de Vendas Novas	3
Imagem 2 Escola Básica André de Resende	14
Imagem 3 Desenho 2 - Diário Gráfico	68
Imagem 4 Desenho 1 - Diário Gráfico	68
Imagem 6 Desenho 3 - Diário Gráfico	68
Imagem 5 Desenho 4 - Diário Gráfico	68
Imagem 7 Exercícios	69
Imagem 8 "Arte Contemporânea e eu"	70

Índice de gráficos

Gráfico 1 Dados da comunidade escolar da Escola Secundária de Vendas Novas (2013).....	9
Gráfico 2 Dados da comunidade escolar da Escola Básica André de Resende(2013)	18
Gráfico 3 Gráfico representativo da pergunta 6 do questionário	64
Gráfico 4 Gráfico representativo da pergunta 7 do questionário	64

Anexos e apêndice (em CD)

Anexos

Anexo_1: Projecto Educativo da Escola Secundária de Vendas Novas

Anexo_2: Projecto Educativo da Escola Básica André de Resende

Anexo_3: Programa de Desenho A

Anexo_4: Programa de Educação Visual

Anexo_5: Programa de Educação Visual – Ajustamento

Anexo_6: Projecto Curricular de Turma – 7º ano, turma A

Apêndices

Apêndice A: PowerPoint da 1ª Aula Supervisionada – Escola Secundária de Vendas Novas

Apêndice B: PowerPoint da 2ª Aula Supervisionada – Escola Secundária de Vendas Novas

Apêndice C: PowerPoint da 3ª Aula Supervisionada- Escola Básica André de Resende

Apêndice D: PowerPoint da 4ª Aula Supervisionada- Escola Básica André de Resende

Apêndice E: Planificação da 1ª Aula Supervisionada- Escola Secundária de Vendas Novas

Apêndice F: Planificação da 2ª Aula Supervisionada- Escola Secundária de Vendas Novas

Apêndice G: Planificação da 3ª Aula Supervisionada- Escola Básica André de Resende

Apêndice H: Planificação da 4ª Aula Supervisionada –Escola Básica André de Resende

Apêndice I: Tabelas de Avaliação - 12º D

Apêndice J: Tabelas de Avaliação – 7º A

Apêndice K: Questionários – 7º A

Apêndice L: Gráficos do Questionário

Apêndice M: Maqueta 3D da sala do 12ºD

Apêndice N: Maqueta 3D da sala do 7º A

Introdução

No âmbito do Mestrado de Ensino de Artes Visuais, o relatório da Prática de Ensino Supervisionada (PES), surge não só como um registo descritivo de acontecimentos, mas também como o início de uma certa afirmação que marcará os primeiros passos de um percurso, deveras importante para o início da carreira como docente, proporcionando também o crescimento intelectual e emocional enquanto pessoa.

Este relatório acaba por vir a transcender toda a formalidade curricular que é de certa forma linear àquilo que se encontra teoricamente explícito no percurso disciplinar do Mestrado de Ensino de Artes Visuais. A partir das vivências experienciadas durante a Prática de Ensino Supervisionada (PES), aliadas aos conhecimentos teóricos adquiridos previamente a partir das unidades didáticas do Mestrado, estes conhecimentos são postos em prática nas respectivas disciplinas assim como nas turmas que nos foram atribuídas na distribuição dos núcleos de estágio. Através dos recursos didáctico-pedagógicos seleccionados e devidamente planeados, alusivos da prática da PES, este relatório vem a tomar uma perspectiva de carácter pessoal, descritivo e reflexivo. É assim, nestes três parâmetros, que assentam as bases principais para a execução do relatório. No que toca ao carácter pessoal, abordará as minhas primeiras experiências como docente, nomeadamente atitudes, comportamentos, posturas, quer minhas, quer dos alunos e comunidade educativa, factores estes que me definirão futuramente como docente e, acima de tudo, como pessoa. No carácter descritivo serão abordados breves relatórios das experiências, pois ao se transcrever a informação dos acontecimentos, torna-se pertinente, para “abrir portas”, aos momentos de reflexão (3º parâmetro). Estes encontrar-se-ão sustentados através de teorias de vários autores que estarão subjacentes ao tema. Só assim através deste método se poderá adquirir uma noção sobre as nossas acções, através de uma supervisão de nós mesmos, quase como acabar por “dar asas” a uma nova consciência que se encontra ligada posteriormente à profissão.

Todos estes conteúdos que se encontram inerentes à redacção do relatório, assim como à PES, tornam-se fulcrais para se obter uma formação adequada que possa dar resposta à emergência das necessidades presentes nas instituições escolares, e em principal foco o futuro da Educação Artística, no nosso País. É através da formação adquirida no Mestrado, na PES, e na redacção do Relatório, que nos irá permitir estabelecer várias

metas para que haja desenvolvimento pedagógico no ramo das Artes Visuais. Assim, com a toma de consciência dos factores que se encontram envolvidos, toda esta experiência torna viável a existência de novos marcos para a Educação Artística, algo que venho acabar por comprovar através de várias reflexões ao longo da PES.

Através desta experiência, ensinar e aprender encontram-se parceiras, para mim, esta experiência e as barreiras que a mesma implica, nomeadamente, medos, dúvidas, incertezas, modos de agir perante determinadas situações, vem, na minha opinião, resultar num choque entre “o saber a teoria”, e o “por em prática” eminentes.

Toda a experiência adquirida através deste percurso trouxe-me novas perspectivas, uma nova visão sobre a realidade Educativa, para a qual me encontrava completamente alienada, acabando assim por me abrir novos horizontes, aguçando o engenho para abrir novos caminhos, em termos pedagógicos e profissionais, para que possa de certa forma contribuir para um melhor futuro.

1. Conhecimento do contexto: Preparação científica, Pedagógica e Didática

1.1. Conhecimento das Intituições Escolares

1.1.1. Escola Secundária de Vendas Novas

Primeiras impressões

O núcleo de estágio em que fui colocada deu início à actividade da PES, na Escola Secundária de Vendas Novas, em meados de Setembro.



Imagem 1 Escola Secundária de Vendas Novas
Fonte: Elaborada pelo Autor

O primeiro contacto com esta instituição foi deveras confuso, pois esta instituição na sua estrutura arquitectónica, é semelhante à Escola Básica de Vendas Novas, não havendo qualquer tipo de diferenciação para além do nome que se encontrava junto dos portões principais. O espaço da instituição escolar, em si, não é uma construção arquitectonicamente recente, no entanto, com toda a minha experiência como aluna em instituições escolares até então, nunca me tinha deparado com um ambiente escolar tão limpo, apesar de, como referi, não se tratar de um edifício recente. Pude aferir, no decorrer da primeira visita à instituição, que a mesma se encontrava exteriormente muito bem preservada, assim como a distribuição dos espaços amplos e verdes, com a presença de

algumas esculturas, executadas por alunos, harmoniosamente enquadradas no espaço. Tendo em conta esta última observação, considero que atendendo à sociedade em que hoje vivemos, a consciência das vantagens que um bom ambiente físico proporciona à comunidade escolar, assim como a consciência da necessidade do mesmo para a futura subsistência do ser humano, nesta instituição escolar, essa consciência encontra-se ilustrada nestes espaços. Tendo em conta que as questões de ecologia e do meio ambiente, e a existência de seres humanos conscientes a essa problemática, passam essencialmente pelas instituições escolares, através de iniciativas de sensibilização dos alunos relativamente às questões ecológicas. Acho que se torna pertinente que a instituição em si dê “presença” e reforce essas questões através da existência de espaços verdes dentro das escolas.

O edifício encontra-se dividido em dois blocos, blocos A e B. Ao dar entrada no edifício, a professora Olga Duarte, professora cooperante da escola, informou-nos da existência de duas entradas para o edifício, uma para os funcionários e professores e uma outra para os alunos. Ao deparar-me com este tipo de separação entre os membros da comunidade educativa, acabei por me questionar relativamente ao que estava a assistir, ou seja, até que ponto fará sentido esta divisão hierárquica. A entrada dos funcionários e professores é a entrada que se encontra mais próxima do portão principal. O percurso que dá acesso a ambas as entradas não tem qualquer tipo de protecção, e em caso de chuva, por exemplo, torna-se desconfortável, para os alunos, que têm que eventualmente fazer o percurso maior para aceder à entrada principal dos blocos, encontrando-se exactamente do lado oposto da entrada principal.

Ao dar entrada no bloco A (piso inferior), através da porta dos funcionários e docentes, encontram-se aqui os serviços administrativos, reprografia, sala de atendimento aos encarregados de educação, os serviços de apoio aos alunos, nomeadamente, gabinete de psicologia e de orientação, por último encontra-se também neste piso a sala dos professores.

A professora cooperante rapidamente nos fez, a mim e ao meu colega, sentirmo-nos o mais confortáveis possível dentro do espaço escolar. Para além de nos “apresentar” as instalações onde iríamos passar grande parte do estágio, procedeu à apresentação de alguns funcionários e professores.

Ao entrar na sala de professores, acompanhada do meu colega e da docente, deparei-me provavelmente com uma realidade que me acompanhará futuramente na minha vida profissional. Tratou-se do primeiro grande impacto ao observar a maneira como os docentes se encontram distribuídos pela sala. Através de uma breve observação, pude aferir

a partir de vários sinais de comunicações não-verbais, como o corpo docente desta instituição se encontrava “disperso”, havendo um grande distanciamento entre os docentes. Relativamente aos docentes das Artes Visuais não foi necessário haver “grande procura”. Durante o tempo em que executei a PES, na Escola Secundaria de Vendas Novas encontrava-se unicamente com uma turma (12ºD), assim como a existência de uma única docente¹, para o curso Científico Humanístico de Artes Visuais. Esta realidade é de facto preocupante, tendo em conta à afluência de alunos existentes nas outras disciplinas.

Ainda dentro do bloco A, no andar superior, encontram-se também várias salas de aula assim como a biblioteca escolar. A secção das artes dentro da Biblioteca ocupa meramente uma estante e o conteúdo maioritariamente é ocupado por livros clássicos de banda desenhada, assim como uma colectânea de livros alusivos à Historia da Arte. Relativamente a livros de temática da arte contemporânea e teoria da arte, pude dificilmente encontrar um “delicado” exemplar alusivo ao tema “animação stop motion” e um livro sobre teoria da arte de Bruno Munari. A partir da escassez de livros de Artes Visuais e a desactualização dos mesmos, pude aferir junto da funcionária da Biblioteca que os alunos de Artes Visuais, para procederem à execução de um trabalho de pesquisa, encontram-se limitados ao uso da internet, pois os livros que se encontram na secção das artes, ou são poucos ou então encontram-se desactualizados. Na minha perspectiva esta escassez é de facto alarmante, tendo em conta que a única fonte de pesquisa dos alunos cinge-se ao uso da internet e que nem sempre é viável.

A ausência de algo mais “consistente” a nível teórico, ou seja, informação proveniente da fonte (nomeadamente de um livro, e não de fontes de internet que muitas das vezes é aqui que os alunos procuram já resumos da “fonte principal”) condiciona de facto a existência de uma melhor percepção sobre determinado tema, que vai para além da internet, abrindo oportunidades para um facilitismo das aprendizagens em contexto educativo. Esta problemática aqui referida acaba por não favorecer as aprendizagens dos poucos alunos que hoje frequentam o curso de Artes Visuais na escola secundaria de Vendas Novas. E se assim continuar, esta ausência de informação alusiva à área das artes, temo que os futuros alunos que pretendem executar a sua formação nesta instituição escolar tenham imensas carências a nível das aprendizagens significativas, que fazem parte de uma formação íntegra na área das Artes Visuais.

¹ A única docente a leccionar a disciplina de Desenho A, a professora Nazaré Conceição, docente da disciplina onde decorreu a minha PES e a do meu colega João Jorge, com o acompanhamento da professora cooperante, Olga Duarte.

Prosseguindo a visita com a professora cooperante e com a professora da disciplina, ao seguirmos pelos corredores do Bloco A, dos quais faziam germinar várias salas de aula, devidamente equipadas para a leccionação de outras disciplinas curriculares de outras áreas, demos entrada no Bloco B. Neste bloco alguns dos corredores encontravam-se decorados com trabalhos dos alunos de Artes Visuais e de outros percursos curriculares alternativos. Pude aferir junto das docentes que já se encontram a leccionar neste estabelecimento de ensino há já vários anos, que muitos dos trabalhos expostos, já se encontravam na escola ainda antes da presença das mesmas, nesta escola. Perante este cenário, acabei por me questionar:

Se o número de alunos a frequentar o curso Científico humanístico de Artes Visuais, em Vendas Novas já é reduzido, que tipo de importância é dada aos mesmos?

De toda a informação que fui adquirindo relativamente à situação actual, sobre o curso de Artes Visuais leccionado em Vendas Novas, a direcção actual não se encontra minimamente ligada ou até mesmo interessada no desenvolvimento do curso de Artes Visuais. Na minha perspectiva, mesmo que o número de alunos a frequentar o curso esteja reduzido a uma única turma, acho que os trabalhos desenvolvidos pelos alunos não deveriam ser desvalorizados nem sequer desprezados, antes pelo contrário.

Quando demos entrada no andar superior do Bloco B (que é constituído por salas de aula), as docentes fizeram-nos entrar numa sala de aula que possuía uma arrecadação que tinha sido “transformada” num laboratório de fotografia. No entanto, segundo as docentes que nos acompanhavam, informaram-nos que a escola só teria conseguido equipar esta “sala” durante a permanência da professora Olga Duarte (professora cooperante) na direcção desta escola. Apesar deste laboratório ter sido inicialmente utilizado por alunos de percursos curriculares alternativos, mais tarde acabou também por ser utilizado por alunos do curso Científico Humanístico de Artes Visuais.

A turma do 12ºD, no ano lectivo de 2011/2012, trabalhou a fotografia no âmbito da disciplina de Oficina de Artes. Eu e o meu colega conseguimos ter acesso aos trabalhos fotográficos dos alunos. Pelo que pudemos assistir, não só possuíam inúmeros resultados bastante interessantes, possuindo muitos deles qualidade suficiente para se encontrarem expostos nos corredores ou espaços comuns desta instituição. Mas como foi anteriormente referido, não existe o mínimo de preocupação com o curso de Artes Visuais e, segundo a política escolar, não é permitido aos alunos intervir no espaço escolar. Em consequência, os trabalhos dos alunos encontram-se guardados numa arrecadação, permanecendo apenas os trabalhos expostos pelos corredores de alunos que já há muito terminaram a sua

formação nesta instituição. Este tipo de inflexibilidade por parte da direcção escolar, para além de fazer com que a passagem destes alunos passe por despercebida, acaba por lhes retirar a “voz”, num curso que possui um currículo onde se pode obter e trabalhar resultados expressivos que são de interesse comum. O que é produzido pelos alunos da variante artística, para além de fazer parte da identidade dos alunos e daquilo que produzem durante a sua formação, nunca deixa de ser importante para a comunidade educativa, pois a existência de trabalhos artísticos espalhados pelo espaço escolar proporciona um ambiente mais agradável para quem o frequenta. Assim como também o torna convidativo para os que o visitam, nomeadamente os alunos que se encontram a frequentar o 9ºano e que podem um dia optar por prosseguir a sua formação a nível de secundário optando pela variante artística.

Na parte inferior do edifício (Bloco B), encontra-se a reprografia, o bar, zona de refeitório, assim como espaços lúdicos, nomeadamente, compostos por espaços interiores, amplos com alguns bancos e pequenas áreas de canteiros como uma espécie de jardim interior.

Por fim as docentes acompanharam-nos para a sala de aula onde iríamos passar todo o tempo da PES. Esta sala encontra-se muito bem iluminada devido às inúmeras janelas. Este factor é deveras importante para proporcionar condições favoráveis para a prática do desenho. Para além da boa iluminação natural a sala encontra-se devidamente equipada para a leccionação das disciplinas artísticas, nomeadamente, estiradores, arrecadação para arrumo de trabalhos, armários com diversos materiais, um lavatório, cavaletes para escultura, um quadro branco, um computador, máquina fotocopadora, um projector, uma mesa de luz e, por ultimo, um sistema de grades para a secagem natural de trabalhos, que tenham sido executados com materiais húmidos.

Localização

Segundo a informação que consta no projecto educativo (consultar anexo 1), fornecido pela professora orientadora Olga Duarte, a escola secundária de Vendas Novas encontra-se localizada, no concelho de Vendas Novas que pertence ao distrito de Évora, ocupando uma área que compreende no seu total, 222,5 km², ocupados por sete localidades urbanas, nomeadamente, Vendas Novas, Landeira, Bombel, Afeiteira, Piçarras, Nicolaus e Marconi.

Tratando-se de um dos maiores concelhos pertencentes ao distrito de Évora, que compreende um total de 9.652 de habitantes, apesar de possuir 11.619 de população, tem uma percentagem de jovens é superior face à percentagem de idosos.

A Escola Secundária de Vendas Novas é neste momento a única escola secundaria dos aglomerados urbanos que tem como oferta formativa o curso Científico Humanístico de Artes Visuais.

A escola encontra-se localizada, junto à via principal de acesso à baixa da cidade, assim como se encontra proxima da estação rodoviária, do mercado municipal e do centro de saúde. A escola possui também um espaço amplo para proporcionar à comunidade educativa estacionamento para automóveis, velocípedes e bicicletas. Este espaço favorece ainda fácil acesso para os encarregados de educação procederem ao transporte dos alunos para a proximidade dos portões principais que dão acesso ao espaço escolar. Tendo em conta os km2 que Vendas Novas ocupa, os alunos tendem a deslocar-se para a escola a partir de transportes públicos e particulares.

Caracterização das Identidades Educativas

A história da Escola Secundária de Vendas Novas surge em Outubro de 1975 iniciando as suas actividades como Colégio Salesiano São Domingos Sávio, que funcionou com uma população escolar que compreendia os duzentos e vinte alunos, treze professores e um total de quatro funcionários de acção educativa.

As instalações que nos chegaram até hoje só surgiram em Julho de 1989, a partir do acordo que adveio das celebrações entre a Direcção Regional do Sul com a Câmara Municipal de Vendas Novas, a serem inauguradas a 23 de Outubro de 1993 pelo Secretário de Estado de então, Dr. José Manuel Bracinha Vieira, que actualmente cumpre funções como Secretário de Estado de Recursos Educativos.

Actualmente a oferta formativa consiste nas seguintes vertentes:

- Cursos Científico Humanísticos de Ciências e Tecnologias; Línguas e Humanidades e Artes Visuais.
- Cursos Profissionais de Técnicos de Higiene e Segurança e Ambiente; Técnico de Restauração; Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos e Técnico de Informática de Gestão.
- Curso Tecnológico de Desporto

- Ensino Nocturno
- Curso EFA para Certificação Escolar; Técnico de Contabilidade e Técnico de Informática de Sistemas.
- Centro de Novas Oportunidades

A partir dos dados do agrupamento que nos foram fornecidos, relativamente aos números alusivos à actual comunidade escolar presente no Ensino Secundário consiste nos seguintes dados:

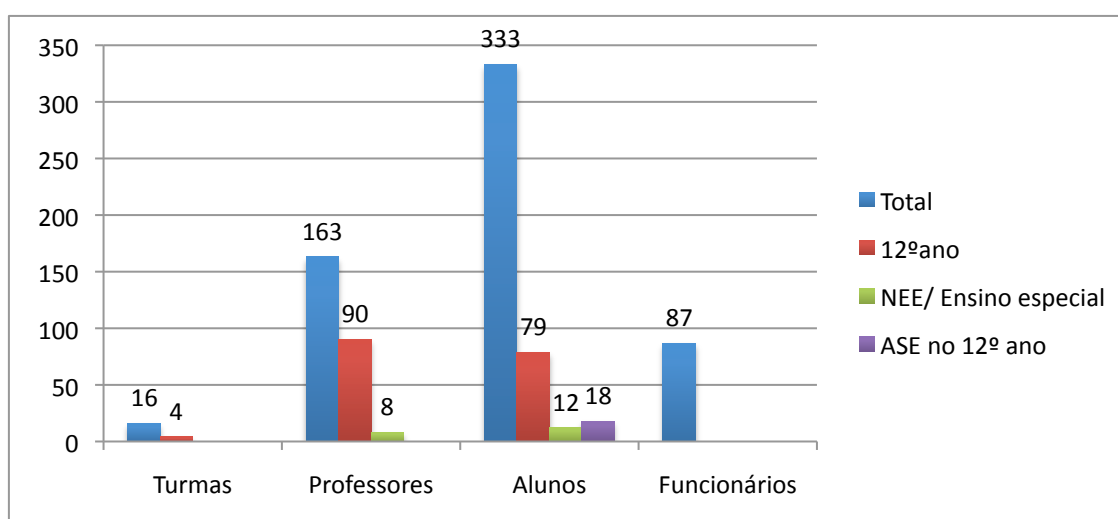


Gráfico 1 Dados da comunidade escolar da Escola Secundária de Vendas Novas (2013)

No que diz respeito ao Plano de Acção, a Escola Secundaria de Vendas Novas apresenta vários objectivos com vista a promover o sucesso educativo, através do aumento da qualidade das aprendizagens, promovendo o lema “Cultura de Exigência e de Rigor”; promoção da exigência de uma aproximação da média nacional; promover uma maior proximidade dos Encarregados de Educação no envolvimento de projectos inerentes à comunidade educativa; investir numa oferta educativa diversificada assim como a promoção e integração dos alunos com necessidades educativas especiais.

Como segunda prioridade no Plano de Acção, os objectivos que a escola pretende cumprir, passa pela promoção de estabelecer critérios unificados nas regras que consideram os comportamentos; cumprimento de sanções disciplinares; promover uma

redução da má conduta nas turmas que se encontram assinaladas como problemáticas, assim como a promoção da cooperação e melhoramento do respeito entre alunos.

Perante os objectivos promovidos pela Escola Secundária de Vendas Novas, a realidade educativa nesta instituição revela que se passa exactamente o contrário, nomeadamente:

- O corpo docente apresenta várias carências no que toca ao trabalho em equipa, apresentando também resistências ao desenvolvimento de projectos que promovam a inovação da comunidade educativa;

- Falta de exigências e de rigor na promoção da melhoria das potencialidades educativas;

- São atribuídas classificações internas superiores às classificações obtidas pelos alunos nos exames nacionais;

- Os alunos e os seus respectivos Encarregados de Educação demonstram falta de interesse pelas actividades/projectos da comunidade educativa;

- Surge um constante aumento de indisciplina;

- Carência de trabalho em equipa por parte do corpo estudantil;

Após ter procedido à análise do Projecto Educativo, acabo por considerar que as primeiras impressões que pude reter da minha permanência durante a PES, tornou-se clara a disparidade entre os objectivos que a escola pretende promover com a realidade.

Considero que a falta de preocupação e empenho por parte da Direcção, Concelho Pedagógico, respectivos coordenadores e restante corpo docente, não promove o desenvolvimento perante a situação em que se encontra a escola. Tendo em conta aos dados presentes no Projecto Educativo do Agrupamento, existe uma percentagem elevada de docentes com dez anos, ou mais, de serviço prestado nesta instituição. Considero que este tempo tenha sido suficiente para poderem ter sido trabalhado projectos com resultados visíveis.

Conhecimento dos Alunos

Turma 12º D/ Desenho A

A partir dos dados que pude recolher perante a turma do 12ºD, da Escola Secundária de Vendas Novas pude aferir que:

A turma é constituída por quinze alunos, dois rapazes e treze raparigas, tendo estas idades compreendidas entre os dezesesseis e dezoito anos, sendo todos de nacionalidade Portuguesa, à excepção de uma aluna que tem nacionalidade Alemã.

Relativamente às áreas de residência, a grande maioria reside em Vendas Novas, à excepção de quatro alunos, nomeadamente três residem em localidades pertencentes ao concelho de Montemor-o-Novo e um reside no concelho de Coruche.

Através de um diálogo informal, pude aferir junto dos alunos que a grande maioria não sabe ainda ao certo que áreas pretendem seguir relativamente ao seu futuro académico e profissional mas uma maior constante, passa pela intenção de dar entrada no ensino superior, nomeadamente na Faculdade de Belas Artes de Lisboa, mesmo sem terem ainda qualquer noção da vertente artística na qual pretendem ingressar. No entanto, para além dos pontos acima referidos pude concluir que todos pretendem seguir a sua formação a nível do ensino superior.

Junto da docente da disciplina, a professora Nazaré Conceição, tomei conhecimento a nível dos comportamentos, relações, assiduidade e pontualidade relativamente aos alunos da turma. Segundo a mesma, afirma que esta turma é bastante bem comportada, respeitadora, uma turma unida, assídua e a grande maioria é pontual, factos que pude posteriormente comprovar no decorrer da minha PES.

Relativamente aos *hobbies* dos alunos, a grande maioria refere que o seu tempo extracurricular passa por sair com os amigos, dois praticam desportos, futsal e basquetebol, outras actividades que pude aferir junto dos alunos passam por pertencerem a um grupo de teatro e uma última actividade que considereei uma constante em todos as actividades dos alunos é o uso da internet, mais propriamente o uso do *Facebook*. Este ultimo ponto prolifera nos jovens e não só, mas muitos afirmam que após terem terminados todas as suas actividades escolares, ao chegarem as suas residências, é das primeiras actividades que executam. Esta nova maneira de interacção social promove entretenimento para horas a fio, o que se torna preocupante pois os jovens cada vez mais privilegiam este tipo de interacção, através de um computador ou aparelho electrónico, do que a tradicional interacção presencial “cara a cara”.

Relativamente aos indicadores de saúde, três dos alunos possuem dificuldades visuais e uma aluna é referida como caso de necessidades educativas especiais, tendo esta a doença de Asperger².

Ao ter conhecimento da doença da aluna, fiquei preocupada, pois nunca teria até então lidado com um caso de Necessidades Educativas Especiais, levando-me a informar junto da docente relativamente à aluna, assim como um levantamento de informação sobre a doença. Mais tarde com o decorrer da PES, essa preocupação desapareceu, a partir do acompanhamento da aluna, pois verifiquei que a mesma demonstrou sempre bastante interesse na disciplina acompanhando o ritmo de trabalho da turma desenvolvido por mim e pelo meu colega, João Jorge, durante a PES. A aluna em questão apresentou resultados de melhoria e de desenvolvimento constante, equiparando-se ao nível de competências específicas da turma para a prática do desenho.

Para além do “tradicional” Projecto Curricular de Turma (PCT), decidi questionar os alunos relativamente às suas competências para a disciplina de Desenho A, nomeadamente, os seus hábitos, conhecimentos e interesses alusivos à temática que pode ser desenvolvida em função da disciplina. Relativamente à opinião que cada um tinha sobre si próprio, tendo em conta as suas capacidades para a prática de desenho, a grande maioria afirmou que necessitavam de mais prática assim como demonstraram preocupação no que diz respeito ao desempenho que os alunos terão que prestar no Exame Nacional de Desenho A, que lhes dará acesso ao ensino superior.

No decorrer deste diálogo, os alunos referiram em desabafo que no ano lectivo anterior, a disciplina de Desenho A teria sido leccionada por um docente que possuía como metodologia pedagógica em contexto de sala de aula, através da distribuição dos alunos por grupos para que estes pudessem passar o tempo da disciplina, a jogar às cartas. Apesar de os alunos terem obtido boas classificações à disciplina leccionada por este docente, hoje tomam consciência de que o ano lectivo que “perderam” com este docente acabou por lhes prejudicar o desenvolvimento das suas capacidades técnicas para a disciplina. Muitos necessitam da nota da disciplina de Desenho A para poderem ingressar no Ensino Superior e, para o fazerem com sucesso, tendo em conta que a disciplina de História e Cultura das

² Segundo a informação presente no site da Associação Portuguesa de Asperger: “*A Síndrome de Asperger é uma perturbação neurocomportamental de base genética, pode ser definida como uma perturbação do desenvolvimento que se manifesta por alterações sobretudo na interacção social na comunicação e no comportamento. Embora seja uma disfunção com origem num funcionamento cerebral particular, não existe marcador biológico, pelo que o diagnóstico se baseia num conjunto de critérios comportamentais.*”

Artes não é leccionada nesta instituição, estes encontram-se inscritos às disciplinas de Matemática B e Geometria Descritiva A. Nesta última aferi junto da turma que apenas um aluno teria obtido uma classificação positiva, no exame nacional realizado no ano lectivo de 2011/2012, tornando-se claro para mim os factores que impulsionaram esta carência técnica por parte dos alunos para a disciplina. Ao assistir a esta preocupação dos alunos, acabou por fazer com que o meu trabalho e o trabalho do meu colega fosse adaptado de maneira a ir de encontro às necessidades da turma face à disciplina. Factor este que nos motivou, ainda mais, para que possamos promover a execução de Unidades Didácticas favoráveis ao desenvolvimento das capacidades destes alunos, com vista a reduzir as suas respectivas carências técnicas para a prática do Desenho, tentando promover o sucesso dos alunos no Exame Nacional.

Relativamente aos hábitos relativos à prática artística em contexto extracurricular, graças à persistência da actual docente da disciplina, a professora Nazaré, os alunos afirmaram que investem tempo na elaboração de desenhos no Diário Gráfico.

Quanto aos conhecimentos sobre arte, a grande maioria passa apenas por conhecer obras de artistas presentes nas grandes massas, ou seja, os que mais são referidos nas plataformas interactivas das redes sociais dos *Mass Media*.

Para terminar, no que diz respeito às vertentes artísticas, muitos demonstraram interesse na área da fotografia, cinema, desenho, pintura, performance, design de moda, design de comunicação e design industrial.

1.1.2. Escola Básica André de Resende

Primeiras Impressões

Esta escola, à semelhança da Escola Secundária de Vendas Novas, possui espaços amplos e bastantes espaços verdes, e encontra-se dividida por blocos separados, onde no Bloco principal encontram-se os Serviços Administrativos, Sala de Professores, Biblioteca, Bar, Papelaria, Cantina e Reprografia.



Imagem 2 Escola Básica André de Resende
Fonte: Elaborada pelo Autor

A partir da minha primeira impressão da escola, algo que me captou a atenção foram os espaços dedicados à ecologia. Pude aferir com a professora cooperante Maria João Machado que, para além de existirem eventos promovidos pelos próprios alunos alusivos à temática ecológica, existe nesta instituição um Clube de Ecologia, que é constituído maioritariamente por alunos que se encontram a frequentar os 5º e 6º anos de escolaridade, sendo estes os promotores de tais eventos. Estes consistem em cantinhos de reciclagem “criados pelos próprios alunos, para alunos”, assim como grupos organizados de alunos que, durante os intervalos entre as Unidades Disciplinares, são responsáveis pela limpeza do espaço escolar. Nomeadamente recolhem o lixo reciclável que se encontra espalhado pelos zonas comuns da instituição, chegando mesmo a obterem autorização por parte da direcção escolar de impor sobre os colegas uma coima, de valor simbólico, que consiste na módica quantia de cinquenta cêntimos, a quem assistam a poluir o espaço

escolar. O resultado desta iniciativa consiste na permanência de um espaço escolar limpo, considero que esta iniciativa um exemplo a seguir por muitas outras instituições escolares.

No Bloco principal da escola, onde se encontra a papelaria e o bar, existe um espaço amplo para convívio da comunidade educativa, com várias mesas e cadeiras assim como inúmeros trabalhos de alunos provenientes das disciplinas de expressões plásticas. Estes, encontram-se distribuídos por este espaço dando-lhe carisma, e ao mesmo, uma atenção peculiar relativamente ao que é executado pelos alunos destas disciplinas.

Ao sermos acompanhados pela professora cooperante, através do espaço escolar nas paredes dos corredores pude assistir, durante o percurso, vários painéis de azulejos e gravuras com temáticas alusivas á escola, comunidade educativa assim como ao município de Évora. Pude aferir junto da professora Maria João Machado, que nos acompanhava, que nesta escola existe um clube para a prática do azulejo e um clube de gravura, aos quais os alunos, professores e funcionários se encontram livres de se inscreverem, considero que este tipo de actividades, vem a demonstrar a presença de uma comunidade educativa unida, trabalhando em conformidade com vista a proporcionar um melhor ambiente, onde é favorecida uma educação artística com um vasto leque de opções permitindo um possível enriquecimento curricular.

Relativamente aos trabalhos que se encontram expostos pela escola, a grande maioria consiste em trabalhos executados recentemente pelos alunos, em comparação com a escola Secundária de Vendas Novas, com a escola Básica André de Resende, nesta ultima pode-se verificar que aqui, é dado aos alunos a devida atenção, no que toca às disciplinas de expressões artísticas.

Através de um diálogo informal pude aferir junto da professora Maria João Machado que, dentro do cumprimento do programa, no âmbito das actividades educativas promovidas por outras disciplinas, trabalha em paralelismo com as mesmas, ou seja, consoante os temas das actividades as suas turmas desenvolvem projectos curriculares, alusivos às temáticas das actividades promovidas pelas outras disciplinas, mantendo assim os alunos e as disciplinas de expressão, presentes e activas na comunidade educativa.

À semelhança da escola Secundária de Vendas Novas, existe uma distanciação hierárquica entre professores e alunos, nomeadamente para estes acederem às salas de aula, os alunos entram pelas portas exteriores das salas, enquanto que os docentes dão entrada nas salas através de portas interiores que se encontram distribuídas ao longo dos corredores que dão acesso a várias salas de aula.

Para além desta distanciação hierárquica relativamente aos acessos à sala de aula, o funcionamento do bar partilha dessa mesma separação, o balcão encontra-se dividido em duas partes, uma para o atendimento dos docentes e uma outra para o atendimento dos alunos.

Relativamente à sala dos professores, através do meu primeiro contacto, durante o tempo dos intervalos intercalares entre disciplinas, encontrava-se “apinhado” de docentes, (através da minha primeira impressão a sala de professores fez-me lembrar a minha antiga sala de aluno enquanto frequentei o meu ensino secundário), em comparação com a sala de professores da escola Secundária de Vendas Novas, nesta só consegui elucidar que os docentes que não se encontram lá presentes, tendo em conta a personalidade mais selectivas, pretendem isolar-se para recantos mais calmos, nomeadamente poderíamos assistir à sua presença numa sala de trabalho da biblioteca.

Para terminar o percurso da apresentação da escola acompanhados pela professora cooperante foi-nos apresentada a sala onde iríamos passar a segunda parte da PES, nomeadamente a sala de expressões artísticas, encontrando-se esta completamente decorada com trabalhos dos alunos, dispendo de uma boa iluminação natural. Para além das mesas dos alunos, a sala possui uma arrecadação com diversos materiais para poderem ser usados pelos alunos, assim como vários armários para armazenamento de trabalhos dos mesmos. Cada armário encontra-se devidamente identificado relativamente à turma a que lhe pertence, a sala dispõe também de um lavatório e de uma bancada para trabalhos que necessitam dos mesmos. A mesa do professor possui um computador para o uso do próprio, assim como um projector e relativa tela de projecção. Na minha opinião esta sala encontra-se completamente adequada para a leccionação das disciplinas das Artes Visuais. A partir desta primeira impressão da sala onde iria passar esta nova etapa da PES, proporcionou-me entusiasmo e ao mesmo tempo ansiedade de poder ter o privilégio, mesmo que por um curto espaço de tempo, fazer parte deste ambiente e comunidade educativa.

Localização

A Escola Básica André de Resende encontra-se actualmente no Bairro de Nossa Senhora da Saúde em Évora. Localizada na capital do distrito (Alentejo Central), possuindo um total de 19 freguesias, nomeadamente, Bacelo, Canaviais, Horta das Figueiras, Malagueira, Nossa Senhora da Boa-fé, Nossa Senhora da Graça do Divor, Nossa

Senhora da Tourega, Nossa Senhora da Guadalupe, Nossa Senhora de Machede, Santo Antão, São Bento do Mato, São Mamede, São Manços, São Miguel de Machede, São Sebastião da Giesteira, São Vicente do Pigeiro, Sé e São Pedro, Senhora da Saúde e finalmente a freguesia de Torre de Coelheiros. Ocupando uma área que compreende no seu total de 1307,04 km². Pertencendo ainda á capital os municípios de Alandroal, Arraiolos, Borba, Estremoz, Évora, Montemor-o-Novo, Mora, Mourão, Portel, Redondo, Reguengos de Monsaraz, Vendas Novas, Viana do Alentejo e Vila Viçosa³.

A escola encontra-se, numa zona que é constituída maioritariamente por habitações, o acesso principal da escola é deveras pequeno tendo em conta que é constituída por uma estrada com um único sentido, que acaba por ficar condicionado, nas horas em que os Encarregados de Educação procedem à deslocação dos alunos. As horas em que surge um maior condicionamento do acesso, sucede com maiores incidências de manhã e á hora de almoço. Os Funcionários e docentes que se deslocam por meio de veículo próprio para esta escola, procedem ao estacionamento dos seus veículos, em zonas de estacionamento pertencentes a espaços destinados a residentes da área. Tendo em conta a zona onde se encontra localizada esta escola, os alunos tendem a deslocar-se para a escola a partir de transportes públicos, particulares e a pé.

Caracterização das Comunidades Educativas

A Escola Básica André de Resende, tendo em conta a sua caracterização, segundo os dados cronológicos que constam no Projecto Educativo da escola, teve início das suas funções, em 1968, no antigo edifício do convento de Santa Clara, segundo data da sua transição para as actuais instalações em 1978.

A Escola Básica André de Resende, é a escola sede do Agrupamento nº2 de Évora, encontrando-se os estabelecimentos de ensino do agrupamento, distribuídos pelas juntas de freguesia dos Bairros de Nossa Senhora da Saúde, Horta das Figueiras e Freguesia de São Vicente do Pigeiro (consultar anexo 2, p. 5).

Para além da oferta curricular regular, actualmente a Escola Básica André de Resende possui uma oferta formativa curricular alternativa consiste nas seguintes Vertentes:

No 2º ciclo:

³ Os dados relativos à localização geográfica de Évora foram retirados do site da Câmara Municipal de Évora.

- Ensino Artístico Articulado da Musica; Percurso Curricular Alternativo

No 3º Ciclo:

-Instalação e Reparação de Computadores; Jardinagem e Espaços Verdes; Práticas Técnico Comerciais

Ensino Secundário:

-Curso EFA

A partir dos dados do agrupamento que nos foram fornecidos, relativamente aos números alusivos à actual comunidade escolar presente no 3º ciclo do ensino Básico da Escola André de Resende consiste nos seguintes dados:

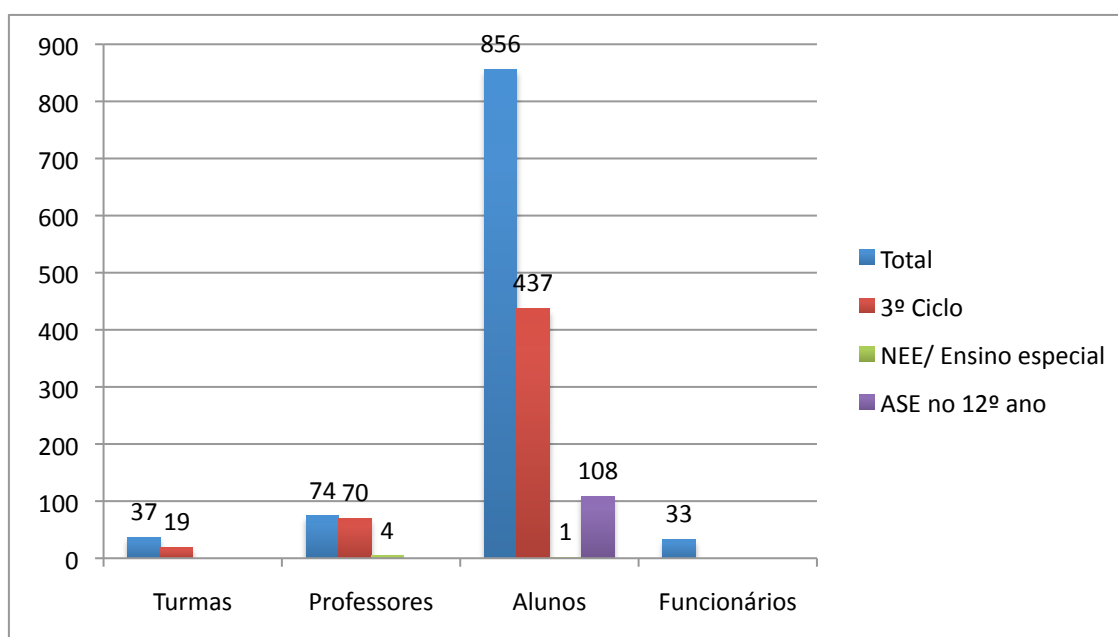


Gráfico 2 Dados da comunidade escolar da Escola Básica André de Resende(2013)

Relativamente ao Plano de Acção que consta no projecto Educativo da Escola Básica André de Resende, apresenta os seguintes princípios estipulados pela escola, promovendo o lema: “Qualidade, Equidade e Diferenciação, Inovação e Rigor” (p:18 anexo 2). A partir deste lema, a escola afirma promover as seguintes metas: prover uma educação para a comunidade educativa; promover a melhoria da qualidade do sucesso educativo; promove uma adequação do currículo ao contexto em que se encontra inserida a escola; propõe a melhoria da qualidade de desempenho do pessoal docente e não-docente; pretende fomentar um bom clima relacional entre os elementos que fazem parte da

comunidade educativa; pretende promover uma maior e melhor rentabilização e valorização dos espaços da instituição escolar; pretende que exista um aprofundamento das relações estabelecidas entre a comunidade educativa com a comunidade e por último como meta estipulada pela escola a existência da promoção de uma escola ecológica.

Após ter procedido à análise do projecto educativo, considero que as primeiras impressões adquiridas ao entrar em contacto com esta escola no âmbito da PES, posso considerar que as metas estipuladas pela escola vão de encontro com a realidade educativa actual, na minha opinião, este factor é deveras positivo e motivo de algum orgulho por parte desta instituição, tratando-se de um exemplo positivo e a seguir por outras instituições escolares, quer correspondam ao Ensino Básico, quer o Ensino Secundário.

Conhecimento dos Alunos

Turma 7º A/ Educação Visual

A partir dos dados sobre a turma do 7ºA, que constam no Projecto Curricular de Turma, (consultar anexo 6) da Escola Básica André de Resende, é constituída por 27 alunos, 10 do sexo masculino e 17 do sexo feminino, tendo estes de idades compreendidas entre os 12 e 14 anos, sendo a grande maioria de nacionalidade portuguesa à excepção de dois alunos do sexo masculino, cujas nacionalidades são alemã e brasileira. A grande maioria dos alunos reside em Évora (freguesia), à excepção de dois alunos que residem noutras localidades. Segundo os dados alusivos à coabitação dos alunos com as suas entidades parentais incide com grande percentagem, nomeadamente 78% dos alunos habitam com ambos os pais, 19% habita só com a mãe e 3% reside só com o pai. No que toca ao agregado familiar, 8 alunos apresentam ter um número correspondente a 3 ou menos, membros do agregado, a grande maioria possui um agregado familiar composto por 4 pessoas, e apenas 3 alunos possuem mais do que 5 membros no seu agregado.

Relativamente às habilitações dos pais, os valores mais altos incidem na escolaridade completa no ensino secundário e superior, os restantes valores correspondem a pais com a escolaridade compreendida entre o 1º, 2º, e 3º ciclo. Tendo em conta a situação profissional, a grande maioria dos encarregados de educação dos alunos encontram-se a trabalhar por conta de outrem, a restante minoria trabalha por conta própria, à excepção de 5 encarregados que se encontram desempregados e 1 reformado.

Junto da professora cooperante, pude aferir através de diálogo que esta turma revela ser uma turma trabalhadora, empenhada, pontual e assídua. Tendo em conta aos comportamentos, considerou a turma que era uma turma muito barulhenta, muitas das vezes alguns membros da turma a nível relacional não é das melhores, existe imensas conversas paralelas que incide de forma constante entre alguns alunos, o que perturba um ambiente favorável para a aprendizagem, tornando-se numa turma difícil de gerir. Tendo em conta as observações da docente, pude conferir estes factos no decorrer da minha PES.

Em relação a indicadores de saúde dos alunos, 9 alunos apresentam ter dificuldades visuais, 1 aluno apresenta ter dificuldades auditivas, 3 alunos possuem doenças alérgicas e 1 dos alunos apresenta ter doenças crónicas.

À parte do Projecto Curricular de Turma, procedi à execução de um diálogo informal com os alunos pude aferir que a disciplina de Educação Visual pertencia ao grupo disciplinar que os alunos mais gostam, apesar de uma pequena quantidade elegeu a disciplina de Educação Visual como favorita. Ao questionar os alunos relativamente se já teriam alguma ideia que profissões pretendiam seguir futuramente, duas alunas demonstraram-se interessadas em seguir um futuro que passava pela Fotografia, um outro aluno pela Arquitectura e uma aluna demonstrou interesse por Design.

1.2. Conhecimento dos Currículos e dos Conteúdos

1.2.1. Programa Nacional de Desenho A – 12º Ano

A disciplina de Desenho A, é a disciplina principal do Plano de Estudos que incorpora no curso Científico Humanístico de Artes Visuais, abrangendo os três anos do ensino secundário, nomeadamente, 10º, 11º e 12º. Esta disciplina nuclear tem um papel importante no que toca a preparação dos alunos para que um dia possam prosseguir com a sua formação a nível superior, as componentes teóricas e práticas desta disciplina abrangendo as mais variadas vertentes que os cursos superiores podem vir a promover. Como disciplina nuclear, no programa que abrange os três anos da disciplina como foi anteriormente referido, esta disciplina encontra-se programada para que no final os alunos sejam submetidos a exame nacional que dará acesso ao ensino superior.

Tendo em conta que se trata de uma disciplina cujos conteúdos programáticos são transversais, os alunos ao darem entrada no ano final do ensino secundário, que corresponde ao 12º ano. Com o presente programa pretende-se desenvolver objectivos que permitam os alunos “dominar, perceber e comunicar de forma eficiente”. A prática do Desenho, para além de assentar em bases como o “conhecimento e comunicação”, que são fulcrais para as mais viradas áreas das Artes Visuais. Esta disciplina acaba também por abranger outras áreas para além das Artes Visuais, daí considerar-se o seu impacto real, numa formação que é transversal e essencial para que os alunos prossigam para os cursos de ensino superior que abrangem os mais variados ramos que a vertente artística tem para oferecer.

A importância do Desenho na formação de um aluno que frequente o Curso Científico Humanístico de Artes, transcende o limiar da aquisição de competências técnicas e expressivas, dinâmicas, preceptivas e de interpretação, estas apenas são consideradas as ferramentas principais, para que mais tarde o próprio aluno “abra asas” para o desenvolvimento de “algo mais”.

Tendo em conta a sociedade em que hoje no inserirmos, a existência do fervor da tecnologia, assim como o surgimento de novas questões às quais, mesmo com a presente evolução, ainda “assombram” a actualidade do séc. XXI, como por exemplo, as questões ecológicas, económicas, políticas, entre muitas outras. Como a afluência desta evolução surgem novas culturas, novas mentalidades e podemos assistir a estes factores nas escolas,

posto isto, considero que é na escola que surge a necessidade de preparar os alunos para darem entrada nesta nova sociedade, tendo em conta a disciplina de Desenho assume um papel importante no que toca à preparações dos alunos de vertentes artísticas, o desenho, como refere o programa (consultar anexo 3):

“ (...)é também forma de reagir, é atitude perante o mundo que se pretende atenta, exigente, construtiva e liderante. Marca ontologicamente o jovem estudante no sentido em que concorre para que este venha a ser um profissional responsabilizado perante a mais valia com que a proposta gráfica enriquece a dinâmica social; se torne mais capaz de ver criticamente e de intervir, na interacção cultural.”(p.3)

Tendo em conta a abrangência que as temáticas das mais variadas vertentes artísticas possuem, através do programa, e a sua articulação e distribuição dos conhecimentos, cabe ao docente proceder a uma análise e reflexão para que surja a promoção de um desenvolvimento de Unidades Didáticas que proporcione aos alunos uma maior assimilação de conhecimentos dessas mesmas temáticas, que proporcionarão de facto uma formação artística íntegra dos alunos. Com a homologação do programa de 2002, favorece ao docente um leque de exercícios sugestivos, para que o docente tenha de facto um ponto de partida para a preparação das Unidades Didáticas que pretende desenvolver com os alunos. No entanto, como refere o programa, cabe ao docente gerir e articular a transmissão dos conteúdos a leccionar, os quais dizem respeito ao “currículo oculto”. E é aqui que me foquei durante a PES, o facto de o programa conceber esta flexibilidade, permite que esta evoque a criatividade do docente para que o mesmo consiga abstrair-se da “frieza e rigidez”, dos exercícios sugestivos que se encontram presentes na homologação do programa.

O programa de Desenho A, assenta na sua componente didáctica as seguintes áreas de exploração (consultar anexo 3; p.4):

- *Percepção Visual*
- *Expressão Gráfica*
- *Comunicação*

O primeiro ponto ao qual corresponde a área da percepção visual abrange os factores sobre o que é visualmente perceptível (factores “biopsicológicos”) que, por sua vez, influenciarão a aptidão e eficácia da expressão gráfica. No que toca ao segundo ponto,

a expressão gráfica, a mesma diz respeito ao domínio da maneira como o indivíduo ajusta as suas apetências de comunicação social e cultural. É também neste ponto a que corresponde os meios técnicos actuantes na prática do desenho, nomeadamente como consta no programa, o estudo de suportes, instrumentos, métodos de registo gráfico, materiais, infografia e entre outros. Por fim o ultimo tópico que diz respeito à comunicação, a este ponto corresponde à análise dos métodos de comunicação, que o desenho pode proporcionar, destacando-se os conteúdos e métodos expressivos encerrando ainda perspectivas sincrónicas que dirá respeito à contemporaneidade e diacrónicas, que corresponde à adequação temporal, em que o desenho se tem vindo a enquadrar.

Quanto aos conteúdos apresentados no currículo constam os seguintes pontos (consultar anexo 3, p.4):

- *Visão*
- *Materiais*
- *Procedimentos*
- *Sintaxe*
- *Sentido*

Segundo o programa tendo em conta as condicionantes das faixas etárias dos alunos, quer a nível cognitivo quer psicomotor, existe o cuidado de distinguir os elementos a que corresponde a sensibilização e os que são de aprofundamento. Tendo em conta todos estes parâmetros o papel que o docente desempenha na leccionação desta disciplina acata grande responsabilidade, para que haja uma transmissão de informação bem-sucedida é necessário o docente saber conjugar e seleccionar todos estes parâmetros, consoante os anos em que os alunos se encontram a frequentar.

No que diz respeito ao tema o currículo apresenta os seguintes parâmetros (consultar anexo 3, p.4):

- *Percepção visual e mundo envolvente*
- *Suportes; Meios Actuantes e Infografia*
- *Técnicas e Ensaios*
- *Forma; Cor; Espaço e Volume; Movimento e Dinamismo*
- *Interpretação e uso*

Ao analisar o programa da disciplina de Desenho favorece a promoção de finalidades amplas de forma a abranger os seguintes pontos (consultar anexo 3, p.4):

- *Desenvolver as capacidades de observação, interrogação e interpretação.*
- *Desenvolver as capacidades de representação, de expressão e de comunicação.*
- *Promover métodos de trabalho individual e colaborativo, observando princípios de convivência e cidadania.*
- *Desenvolver o espírito crítico face a imagens e conteúdos mediatizados e adquirir, com autonomia, capacidades de resposta superadoras de estereótipos e preconceitos face ao meio envolvente.*
- *Desenvolver a sensibilidade estética, formando e aplicando padrões de exigência.*
- *Desenvolver a consciência histórica e cultural e cultivar a sua disseminação.*

Tendo em conta aos objectivos o programa apresenta o seguinte:

- *Usar o desenho e os meios de representação como instrumentos de conhecimento e interrogação.*
- *Conhecer as articulações entre percepção e representação do mundo visível.*
- *Desenvolver modos próprios de expressão e comunicação visuais utilizando com eficiência os diversos recursos do desenho.*
- *Dominar os conceitos estruturais da comunicação visual e da linguagem plástica.*
- *Conhecer, explorar e dominar as potencialidades do desenho no âmbito do projecto visual e plástico incrementando, neste domínio, capacidades de formulação, exploração e desenvolvimento.*
- *Explorar diferentes suportes, materiais, instrumentos e processos, adquirindo gosto pela sua experimentação e manipulação, com abertura a novos desafios e ideias.*
- *Utilizar fluentemente metodologias planificadas, com iniciativa e autonomia.*
- *Relacionar-se responsabilmente dentro de grupos de trabalho adoptando atitudes construtivas, solidárias, tolerantes, vencendo idiosincrasias e posições discriminatórias.*
- *Respeitar e apreciar modos de expressão diferentes, recusando estereótipos e preconceitos.*
- *Desenvolver capacidades de avaliação crítica e sua comunicação, aplicando-as às diferentes fases do trabalho realizado, tanto por si como por outros.*

- *Dominar, conhecer e utilizar diferentes sentidos e utilizações que o registo gráfico possa assumir.*
- *Desenvolver a sensibilidade estética e adquirir uma consciência diacrónica do desenho, assente no conhecimento de obras relevantes.*

Tendo em conta às sugestões metodológicas presentes no programa, consiste na apresentação de uma tabela de conteúdos específicos para que sejam abordados em contexto de sala de aula, mas no entanto, recomenda-se que os docentes não analisem as sugestões metodológicas como um conjunto por ordem sequencial restrito que devem seguir. Recomendam antes uma articulação e planeamento de unidades didáticas que articulem vários pontos dos conteúdos e das finalidades presentes no programa. Apelando para que os docentes completem as unidades a trabalhar, através de uma exposição oral dos conteúdos, com o suplemento de uma “componente visual”, que acompanhe essa mesma exposição, preparados previamente pelo professor fora do respectivo horário lectivo.

Durante a PES, este ultimo ponto, foi no qual me baseei como método pedagógico a adoptar. Através deste tipo de metodologia, pretendi contribuir para o aumento da cultura visual dos alunos, através da exposição de artistas contemporâneos e os seus trabalhos, articulando o desenvolvimento de um exercício prático e didáctico alusivo ao tema. Segundo o programa, ao existir este tipo de metodologia, proporciona aos alunos uma maior intimidade com os conteúdos a serem trabalhados na disciplina de Desenho A, gerando métodos motivacionais que visam melhorar a qualidade das aprendizagens adquiridas pelos alunos.

Com isto as competências que se pretende que os alunos desenvolvam, consiste em “Ver- Criar-Comunicar”, ao se traduzir este “modus” corresponde os seguintes pontos(consultar anexo 3, p.11):

- *Observar e Analisar*
- *Manipular e Sintetizar*
- *Interpretar e Comunicar*

Por fim os conteúdos que dizem respeito à avaliação do programa da disciplina de Desenho A, pretende facilitar e tornar eficiente a intervenção do docente.

Para que o docente proceda à avaliação do aluno, o programa apresenta os seguintes pontos a considerar (consultar anexo 3, p.12):

- *A aquisição de Conceitos*
- *A concretização de Praticas*

- *O desenvolvimento de Valores e atitudes*

A avaliação formativa dos trabalhos realizados pelos alunos, é feita a partir da interacção do docente com os alunos, de modo a proporcionar novos elementos de aprendizagem. Trata-se também de uma avaliação, que é contínua e sumativa, ficando ao critério do docente, após ter efectuado uma análise constante da evolução do trabalho artístico do aluno.

1.2.2. Programa de Educação Visual 7º Ano - Ajustamento

O presente ajustamento do programa nacional de Educação Visual, consiste numa reestruturação dos conteúdos essenciais a serem desenvolvidos de maneira a proporcionar uma maior liberdade de gestão dos conteúdos, por parte das instituições escolares e dos docentes das mesmas, que fazem parte integrante do processo de ensino-aprendizagem dos alunos do 3º ciclo. Segundo o programa de Educação Visual o ajustamento (consultar anexo 5) foi desenvolvido em conjunto como Departamento de Educação Básica, com vista à actual realidade do programa da disciplina, mantendo os conteúdos, sendo apenas sublinhados os “essenciais” para uma melhor formação dos alunos.

O actual ajustamento do programa, dá prioridade como áreas de exploração, o Desenho a Pintura e a Escultura, deixando as restantes áreas de exploração consoante a disponibilidade e condições que cada instituição escolar, tem para oferecer. As aprendizagens no programa de Educação Visual consistem, na sua composição dos conteúdos uma grande transversalidade, apesar de a disciplina no 9º ano se apresentar como optativa. No entanto os conteúdos a serem desenvolvidos no 7ºano de escolaridade mediante a disciplina de Educação Visual, como refere o ajustamento, assentam nos seguintes pontos (consultar anexo 5; p.4) :

Comunicação:

- *Elementos Visuais na Comunicação*
- *Códigos de Comunicação Visual*
- *Papel da Imagem na Comunicação*

Espaço (consultar anexo 5;p.5) :

- *Representação do Espaço*

- *Sobreposição; Dimensão; Cor; Claro-Escuro; Gradação e Nitidez*
- *Relação Homem-Espaço*

Estrutura (consultar anexo 5;p.6) :

- *Estrutura/Forma/Função*
- *Estruturas Naturais e Criadas pelo Homem*
- *Ritmo de Crescimento*
- *Módulo/Padrão*

Forma:

- *Percepção Visual da Forma*
- *Qualidades Formais; Qualidades Geométricas; Qualidades Expressivas*
- *Factores que Determinam a Forma dos Objectos*
- *Físicos; Propriedades dos Materiais*
- *Produção Artesanal e Industrial*
- *Funcionais*
- *Função Principal e Subfunções; Antropometria e Ergonomia*
- *Estéticos*

Luz-Cor:

- *A Cor-Luz no Ambiente*

Desta forma o ajustamento do programa vem de facto canalizar, uma selecção de conteúdos que podem ser explorados através da adopção de várias perspectivas a serem trabalhadas por parte dos docentes, de modo a que corresponda à transversalidade que o programa favorece para a formação dos alunos.

2. Educação Para Uma Melhor Compreensão da Arte Contemporânea

Contextualização Social e Educativa dos Novos Públicos

Tendo em conta a realidade social e educativa que se encontram presentes no sec. XXI, não podemos ficar indiferentes a nova era tecnológica em que hoje vivemos, assim como toda a sua contribuição que veio a proporcionar grandes avanços no desenvolvimento do ser humano, criando gerações e aproximando cada vez mais as culturas, privilegiando uma necessidade abrupta de uma construção de conhecimentos colectivos. Com o avançar desta nova sociedade contemporânea, esta assiste ao surgimento de novas culturas, assim como a emergência de um acompanhamento das instituições escolares para com essa mesma evolução. A educação artística, neste caso, assiste em primeira mão à necessidade de uma mutação dentro de todo o sistema educacional da sua área. As novas culturas infanto-juvenis servem-se de todo o avanço tecnológico, e de todo o conhecimento a que estes lhes proporcionam, de maneira a infiltrar-se em todos os aspectos das suas vidas. As novas gerações, neste momento, encontram-se expostas a um bombardeamento de informação desmesurado, acabando por influenciar também as suas construções de identidades, deixando assim às instituições escolares a necessidade competir com a emergência destes novos focos de informação, que lhe fazem hoje concorrência, ameaçando a assim toda a educação formal.

Na sociedade em que vivemos, as novas tecnologias, tornaram-se parte integrante do dia a dia do ser humano, tornando-se estas tão essenciais e necessárias conhecer e dominar. Tornaram-se assim um marco representativo em múltiplas dimensões que assinalaram o desenvolvimento humano, nomeadamente de forma cívica, social, cultural, lúdica, pessoal e acima de tudo, profissional.

Posto isto é fácil deduzir que o meio social em que cada ser humano se insere, implica inquestionavelmente a influência dessa mesma sociedade, como tal os comportamentos de cada individuo são adequadas mediante o meio em que se inserem. Facto este que vai aplicar-se também na educação, assim como as instituições educacionais de cada parte do mundo, tempo cronológico e povoação, surgem através destas circunstâncias sociais que lhes são correspondentes.

Contudo desde estes tempos, surgiram mudanças bastante consideráveis. Nos grandes países industrializados, hoje em dia, a potência da capacidade de literacia disparou, ou seja, a grande maioria da população tem o que é considerado o básico da literacia, que consiste em saber ler e escrever.

Com o avançar progressivo da universalização das instituições e dos sistemas educativos, a aquisição de conhecimentos, passou a assentar cada vez mais em estudos abstractos, sobre o que as matérias comportam, ao contrário de se focarem antes na transmissão das práticas das mais variadas aptidões específicas. Hoje em dia nas sociedades modernizadas, as pessoas deparam-se com a necessidade de executarem certas aptidões para conseguirem de certo modo “sobreviver” dentro da sociedade, nomeadamente, ler, escrever e calcular, assim como possuem um conhecimento geral do meio físico, social e económico, presente no meio em que estão inseridos.

Posto isto, e na sociedade em que hoje nos encontramos, as novas tecnologias vêm assim fazer parte do conhecimento geral na vida do ser humano, sendo esta também grande fonte de partilha, de comunicação e de aprendizagem, levantando inúmeras questões sobre o seu uso e até que ponto são estas tecnologias o foco de mudança na vida de um indivíduo inserido nesta sociedade contemporânea.

Nesta nova era as tecnologias imperam inquestionavelmente sobre a nossa sociedade, as tecnologias da informação, desde a internet à evolução tremenda da televisão e do rádio, estes novos meios de comunicação proporcionaram novas maneiras de difundir a informação assim como o acréscimo de novas formas transcendentais de comunicar, impulsionando novos comportamentos do ser humano, nos mais variados níveis, e em particular surgiram inúmeras alterações na educação.

Segundo Pierre Lévy, que abordou vários estudos aprofundados sobre o impacto das novas tecnologias nas escolas, afirma que esse mesmo impacto tem sido motivo de preocupação para as instituições escolares e para as instituições governamentais. Estas têm tentado ponderar sobre o actual papel da educação, na vida das novas comunidades infanto-juvenis desta nova era. Partindo da importância do papel da educação nestas comunidades, que necessita de novas estratégias educacionais, determinantes para o desenvolvimento da formação perante a contemporaneidade e emergência de modernização avassaladora a qual todos estamos sujeitos, quer os alunos quer os professores. Deve assim ser tomada consciência e aceitação, das novas tecnologias como parte integrante de instrumentalização, quer para o ensino, quer para aprendizagem dos

indivíduos, para podermos aumentar a necessidade mais básica do ser humano: o conhecimento (Lévy,1994).

Nos dias de hoje, a velocidade a que se consegue aceder à informação é tremenda, permitindo em vários cenários presumir-se uma gestão e actuação eficiente e eficaz, não levantando assim, obstáculos no seu acesso, partilha e diversidade dessa mesma informação. Não existe maneira, na sociedade modernizada em que vivemos, de ficarmos indiferentes a esta evolução tecnológica. Aliás torna-se de facto impossível, visto que a mesma encontra-se presente em todo o nosso dia a dia, e com isso torna-se necessário aceitá-la como uma avanço que se foi introduzindo nas culturas comportamentais e educacionais, nos grupos infanto-juvenis a que pertencem.

Dentro das instituições escolares, que é onde nos deparamos com a emergência destas novas culturas infanto-juvenis, as novas tecnologias fazem parte de um elemento constituinte da aprendizagem, e assimilação de conteúdos (tanto nos programas de software educacionais como os conteúdos de ferramentas de uso corrente) contribuindo assim para o desenvolvimento das capacidades, abrindo portas para um ensino melhor, satisfazendo as necessidades de professores, alunos e até mesmo das suas famílias.

As salas de aula passaram hoje, a ser consideradas como espaços interactivos e conectados a nível mundial. A partir destas potencialidades, abrem-se novas portas para uma possível e permanente colaboração educativa, deitando por terra o desconhecimento que origina a falta ou impossibilidade de acesso à informação, e o isolamento tecnológico dito por parte de algumas instituições escolares e familiares de alguns alunos.

Numa perspectiva intrínseca, as novas Tecnologias da Informação e Comunicação vêm a constituir um meio fundamental do acesso à informação (*world wide web*) assim como um instrumento transformador de informação e produção de novas informações de todo o género.

Por parte dos alunos, podemos contar intrinsecamente com a vantagem acrescida de uma motivação para trabalhar as tecnologias, que vem a permitir uma estimulação, para a criação de espaços de interacção e partilha, através de possibilidades favorecedoras de comunicação, troca de documentos, desenvolvimento e enriquecimento cultural, desenvolvimento da expressão criativa, nas realizações de projectos e até mesmo chegando a desenvolver a sua capacidade de reflexão crítica que futuramente será considerada uma mais-valia pelo aluno quando se integrar profissionalmente na sociedade.

As novas tecnologias no ensino das artes visuais

As tecnologias digitais vieram reinventar o ensino e o mercado das artes visuais através de uma maior formação e mercado consumidor. Formam-se, assim, alunos para corresponderem às expectativas da revolução tecnológica decorrente. Sociais e profissionalmente os meios de comunicação dependem das tecnologias digitais. Nas artes, principalmente na pintura, escultura, desenho e fotografia têm existido transformações tecnológicas. Estas actuam como base sólida para a inserção das novas tecnologias como ferramenta ou meio para as recentes artes digitais, tais como *webdesign*, animação e vídeo. Os alunos passam a ter à sua disposição mais ofertas no âmbito da área artística, maioritariamente no ensino. Esta actualização trata de acompanhar o processo evolutivo da sociedade garantindo uma educação alinhada com as possibilidades de carreira, promovendo, desta forma, a qualidade do ensino e formação dos indivíduos para a era das artes digitais.

Especificamente no campo das artes visuais, o processo de ensino/aprendizagem é enriquecido pela tecnologia, principalmente pelo acesso à informação e da comunicação, procedendo ao aumento da chamada cultura visual e construção de conhecimento do indivíduo. Para além disso, hoje em dia, os programas multimédia oferecem-nos um universo de opções infindáveis para o desenvolvimento criativo de um aluno permitindo, assim, tornar o seu trabalho e a sua auto-aprendizagem cada vez mais pessoal. Tais softwares ajudam o aluno a desenvolver, no campo dos média, competências de desenvolvimento produtivo, tais como habilidades técnicas e sentido estético/crítico, noção de proporções e movimento, aprendizagem dos princípios de comunicação, identificação de valores básicos, composição gráfica e apresentação visual.

Para concluir, um ensino de excelência, que promova o desenvolvimento cognitivo e psicológico de um aluno, assim como de uma sociedade, através de um aprofundamento de conhecimentos da multiplicidade de culturas existentes, recorrendo à arte como via condutora, criadora e promotora de aprendizagem, para que haja uma melhor cultura visual artística, desde o momento é que é criada, desenvolvida, o contexto em que se insere, assim como toda a sua pluralidade, desenvolverá nas novas culturas infanto-juvenis, “um desabrochar” de toda a sua maturidade artística. Assim, na minha opinião, considero que todos estes factores proporcionarão ao aluno capacidades críticas, no seio da sociedade em

que se insere, tornando-se este sujeito individual e criador dentro dessa mesma sociedade, mediante as suas escolhas, que o farão construir a sua vida.

Cultura Visual

Ao fazer referência à cultura visual no presente ponto, considero ser apropriado referir uma perspectiva que vá de encontro com a realidade em que se encontram constituídos os “receptores/observadores” face à actual realidade artística.

Tendo em conta a perspectiva do novo olhar sobre a arte por parte dos novos públicos presentes na cultura de massas, e com o facilitismo que a informação favorecida através das novas tecnologias, deixa de existir a complexidade do desvendar da obra artística. O observador neste caso, ao interagir com a obra de arte, cinge-se ao que é perceptível através do imediato que advém das suas emoções e experiências que se traduzem no facilitismo da descoberta. Deixando de parte a existência de algo mais que vá para além dessas emoções e experiências, não deixando margem para que surja um aprofundamento do conhecimento sobre a obra de arte em si, que se reflecta na descoberta de um significado profundo ou até mesmo de prazer. Em consequência, surge a inexistência de um exercício mental necessário para que haja o desenvolvimento de uma percepção artística, íntegra, dando lugar a uma percepção passiva da observação derivada de simples deduções por parte do observador, que actualmente não persiste em exercer um esforço para retirar algo de novo quando interage com a obra de arte. (Leontiev, 2011)

Ao retirar o essencial a partir da observação de uma obra de arte, e o observador/receptor se satisfazer com isso, em contexto educativo, quando se trata de um aluno a frequentar um curso de artes e sendo este considerado um possível produtor de futuras obras de arte, surge de facto uma corrupção, na execução e produção da mesma, cingindo-se unicamente a uma obra que evoca as básicas e imediatas percepções no conteúdo da mesma quando expostas a um observador/receptor. O papel do professor de uma disciplina na variante artística, considero que tenha uma responsabilidade acrescida no que toca ao alimentar a cultura visual dos alunos, canalizando a informação de forma seleccionada que enfoque e fomente o diálogo e debate relativamente a apresentação de artistas e dos seus trabalhos. Ao reflectir sobre este novo olhar sobre as culturas de massa, e a arte produzida sobre esta perspectiva, a mesma carece de uma percepção que perdure, transformando-se em observações e produções efémeras, que terminam por não fomentar a

existência de um desenvolvimento de reflexão das capacidades dos indivíduos em prol da criatividade e mudança face aos contextos da sociedade actual.

Educação Artística para a Contemporaneidade

Ao proceder a uma análise do actual currículo nacional de Desenho A, assim como o currículo nacional de Educação Visual, considero que estes favorecem de facto a existência uma intervenção pró-activa por parte dos docentes desta disciplina, no que toca ao planeamento de Unidades Didácticas favoráveis às aprendizagens dos alunos quer estas executadas em contexto prático, quer teórico. No entanto, o que sucede na realidade educativa actual, existe a escassez de um bom aproveitamento das potencialidades que podem ser desenvolvidas no que toca à exploração teórica que na minha opinião é de facto essencial para completar as componentes práticas adjacentes da disciplina em questão, colocando em causa as aprendizagens dos alunos. Parte dos docentes destas disciplinas, limitam-se a cumprir exercícios metodológicos presentes nos currículos que correspondem ao desenvolvimento das competências técnicas que pertencem ao fórum de cada formativa disciplinar, o que de facto fez-me levantar muitas questões: Que tipo de conhecimentos teóricos é que os alunos retiram deste tipo de formação pedagógica? Serão as aprendizagens adquiridas pelos alunos na sua formação, adequadas à actual realidade artística? Em que patamar se pode enquadrar a cultura visual e estética na formação dos alunos? Será a formação artística actual, suficiente para que os alunos consigam desenvolver capacidades interpretativas da arte contemporânea? Para uma abordagem da Educação Artística íntegra não se pode ignorar este tipo de questões.

Face à necessidade de integrar os conhecimentos teóricos os quais, na minha opinião, contribuem, para os processos de desenvolvimento individual e para a educação de forma geral, considero que Florance Cane, na sua literatura, clarifica a importância do porquê da emergência dos docentes conciliarem os conhecimentos teóricos como parte integrante do desenvolvimento das Unidades de Trabalho a serem trabalhadas com os alunos, Florance refere o seguinte:

“Art is of first importance in education, for the adult as well as for the child, because the problem of adjustment and the full realization of one’s potentialities is fundamental in all education. We apprehend the world through three chief functions: movement, feeling, and thought (...) An integrated individual is one who makes a well-

balanced use of each of these three forms of activity. Art has three precepts, which must be followed if one is to obtain its fullest expression. (...) Since the principles of art correspond to human functions, one may therefore gradually integrate functions through the practice of art. By this fortunate relation, the teaching of art can be a valuable method for the growth and integration of the individual” (1951:34)

Este género de abordagem pedagógica para além de trazer benesses para a aprendizagem dos alunos que frequentam as disciplinas artísticas, pode providenciar também algumas vantagens no desenvolvimento aptidões criativas e resolver problemas que outras disciplinas curriculares possam impor no desenvolvimento cognitivo e de aprendizagens dos alunos.

O ensino artístico possui de facto características multifacetadas, que se podem adequar através de diferentes níveis e de diferentes maneiras consoante a formação de alunos do segundo e terceiro ciclos do ensino básico e do ensino secundário, cabendo aos docentes a responsabilidade da gestão e adaptação das aprendizagens.

Falando por experiência própria, enquanto aluna, quando frequentei o ensino secundário, para além dos conhecimentos que derivavam da disciplina de História e Cultura das Artes, revelaram-se insuficientes para o amadurecimento da minha cultura visual, todo o contacto com os respectivos artistas e obras que são de facto marcos no mundo artístico, foi realizado através da internet e mediante os meus interesses na altura. Sem ter qualquer tipo de informação canalizada ou que de facto enfocasse o que realmente era o verdadeiro significado relativamente ao que estava a ver, com tanta influência dos média e colhendo o que era considerado “arte” ou “artistas”, era de facto frágil e muitas das vezes precário. Deixando por me influenciar por uma definição bastante limitada e, até mesmo popular, do que considerava arte. Só ao dar entrada no ensino superior é que me foi desvendado o véu para a realidade artística em si atendendo aos seus contextos e significados, e o se encontra a ser de facto produzido nos dias de hoje. Ao dar início à PES na Escola Secundaria de Vendas Novas, acabei por me confrontar, quase seis anos depois, com a mesma realidade, mas desta vez, através dos alunos que se encontravam à minha frente enquanto desempenhava o meu papel como docente. No caso da turma do 12ºD, com a qual desenvolvi o planeamento de Unidades Didáticas para a mesma, os alunos não optaram por escolher a disciplina de História da Cultura e das Artes, ao fazer uma retrospectiva sobre a minha formação a nível do secundário, ao ter frequentado esta disciplina, fez com que adquirisse as minhas primeiras noções sobre o mundo artístico, e o

que de facto é essencial para que os alunos conheçam a evolução da história artística, as vanguardas, artistas e as suas obras. Ao analisar através de vários diálogos com os alunos, muitos deles conhecem os artistas mais populares, e pouco sobre a sua biografia e muito menos sobre o contexto em que se inseriam a produção artística advinda da época cronológica em que os mesmos se encontravam. O mesmo pude aferir relativamente aos conhecimentos de artistas contemporâneos, resumiam-se a dois ou três nomes de artistas nacionais. Este cenário acaba por de facto revelar-se preocupante pondo em causa uma formação artística íntegra, carecendo de componentes essenciais, para que mais tarde possam dar entrada no ensino superior com bases necessárias para que consigam conhecer e interpretar as várias componentes artísticas presentes nos dias de hoje. Ao proceder a uma reflexão sobre a actual educação artística. Considero que é necessário que exista uma maior preocupação por parte dos docentes das disciplinas de expressões. Apesar de poder ter em conta a situação económica em que o país se encontra, assim como os cortes que foram, estão e vão ser feitos na educação, as condições de trabalho dos docentes, apertam. Claro que não posso deixar de referir que as condições de empregabilidade dos docentes encontram-se de facto bastante reduzidas e claro como indivíduos da sociedade actual, a tentar subsistir face à actual crise económica, considero que seja normal a existência de um desanimo maior quando diz respeito a cumprir as suas funções no acto de educar. Neste momento a realidade educativa segundo o governo português parece abranger apenas as disciplinas que são consideradas primordiais: a Matemática e o Português. Pode-se reflectir que tipo de competências terão os futuros cidadãos, tendo em conta que a cultura em Portugal continua a ser uma das frentes a receber cortes sistemáticos por parte do governo. Como cidadã desde país e ao assistir ao afundamento hierárquico da cultura, na lista de prioridades em Portugal, vejo esta “atitude” a afectar claramente no futuro da Educação Artística.

Contudo, continuo a referir e de certa forma a apelar aos docentes das áreas de expressões para não fecharem os braços, apesar dos tempos serem difíceis e afectarem a educação dos alunos. Ao fim ao cabo, todos estes docentes obtiveram uma formação artística superior, e considero que não é difícil parar para reflectir sobre o seu próprio percurso académico. Julgo que devem trabalhar e lutar para um melhor ambiente educativo, que proporcione momentos de diálogo e reflexão que por sua vez, se for bem-sucedido, dará os seus frutos.

Através da minha experiência da PES, pude de facto “colher alguns frutos”, sobretudo quando se adopta métodos pedagógicos concretos. Para mim foi é um privilégio de fazer parte de todo este processo.

Durante a PES, em ambos os níveis de ensino, procedi a um método pedagógico que trabalhou em constante paralelismo com ambos os programas curriculares, e que ao mesmo tempo procurou fomentar a curiosidade dos alunos para os artistas que se encontram actualmente a trabalhar no mundo artístico e para as suas obras de arte. Considero que em ambas as instituições onde decorreram a PES pude contribuir para a cultura visual dos alunos, como tem sido referido ao longo do relatório.

Ao analisar ambos os programas e a realidade educativa artística actual, considero que a nível do ensino secundário, nas disciplinas praticas, como Desenho A, Oficina de Artes ou Oficinas de Multimédia, existe espaço e tempo suficiente, para que no desenvolvimento de uma Unidade Didáctica, a mesma seja composta por uma componente teórica, que venha de facto a complementar a componente prática, em ambas as variantes artísticas a trabalhar.

Estas podem consistir em práticas artísticas multifacetadas que podem abordar as mais variadas temáticas. A partir daí, um docente possuidor de uma área artística superior possui obrigatoriamente conhecimentos de artistas contemporâneos que trabalhem os mais variados media.

Uma apresentação teórica derivada de uma selecção de artistas ou de um artista e respectivos trabalhos, no início de cada Unidade Didáctica, já favorece, nos alunos, algum tipo de cultura visual seleccionada que contribui certamente para uma melhor formação dos alunos, assim como complementará o seu desenvolvimento, quer os mesmos prossigam os seus estudos a nível superior, quer optem por não os seguir.

Em ambas as hipóteses, não existe qualquer “desperdício” de conhecimentos. Os alunos ao prosseguirem para o ensino superior, seja qual for a vertente artística, provavelmente já não se sentirão despidos, quando terão que enfrentar as disciplinas teóricas que constam nos cursos, assim como as disciplinas práticas. Ao carecerem de cultura visual e conhecimentos concisos sobre o que é produzido actualmente, ou que foi produzido no passado, considero que terão mais dificuldades na execução/criação e desenvolvimento de ideias que são necessárias para a execução dos seus trabalhos académicos.

Caso os alunos não prossigam com os seus estudos a nível superior, não é em vão que terão adquirido esse conhecimento. Antes pelo contrário, uma formação artística

íntegra providenciará, em ambas as situações, na minha opinião, um aumento de formação cultural dos mesmos. Pois se realmente for estimulado o interesse dos alunos pela cultura, neste caso a cultura das Artes Visuais, acredito que em situações, tal como na que se encontra actualmente no país, em vez de apenas existir uma pequena percentagem de indivíduos que lutem face a este cenário, acredito que ao se investir mais na educação dos alunos que frequentem disciplinas artísticas, mais tarde, formados, e até mesmo não formados, será mais fácil unirem-se mais pessoas em prol da cultura.

Para além de uma educação que transcenda a componente prática, considero que deveria de ficar ao encargo dos docentes a flexibilidade do programa. Isso permite um tipo de pedagogia que parece ser mais proactiva. No entanto e face a realidade educativa do ensino artístico a nível secundário, parecia-me que deveria haver uma reformulação curricular, que ou torne pelo menos obrigatória a disciplina de História da Cultura e das Artes, e deixar a componente artística à responsabilidade dos docentes das disciplinas de Desenho A, Oficina de Multimédia ou Oficinas de Artes.

Também me pareceria adequado que o Ministério da Educação criasse e desenvolvesse uma disciplina que abordasse os “Estudos da Arte”, que proporcionasse o desenvolvimento da cultura visual e estimulasse a aptidão estética e crítica dos alunos, para a arte, que é de facto essencial para o futuro dos mesmos, assim como para o patamar escolar que se encontram a frequentar.

Relativamente ao Ensino Básico, as disciplinas de expressões que constam no programa nacional do mesmo, atendendo ao ponto que pretendo trabalhar venho dar enfoque à disciplina de Educação Visual. O programa da mesma, à semelhança do Ensino de Secundário, ficam ao critério do docente a organização e gestão metodológica dos conteúdos a leccionar.

Considero que, no que toca a defender o conteúdo temático que desenvolvi, no ensino básico, a componente teórica deveria manter o mesmo método de apresentação de artistas e respectivas obras, que complemente a componente prática que se pretende desenvolver com os alunos, tal como no ensino secundário.

Ao prosseguir com este método, há que adequar o conteúdo dos artistas e das obras a serem apresentadas, consoante as faixas etárias dos alunos assim, como as suas competências cognitivas. No entanto, a prevalência no ensino básico de conhecimentos teóricos correspondentes ao mundo artístico, são bastante dependente do discurso e do conteúdo que o docente adopta. Esse discurso irá de facto ficar “marcado” nos alunos, e quanto mais cedo for estimulado um sentido crítico e estético nos alunos melhor será estes

a sua preparação para que futuramente conseguiram perceber e interpretar o que a arte pode proporcionar, nos seus variados níveis. Ao contrário do Ensino Secundário, aqui considero que não existe a necessidade de se desenvolver uma disciplina teórica para que sejam desenvolvidas as competências acima referidas. Julgo que aqui, através de acções de formação ou conferencias, por exemplo, a ideia seria começar por tentar fazer um apelo aos docentes que tomem consciência do impacto e necessidade do “quê “ e do “porquê” de ter que existir um método pedagógico teórico que complemente as aprendizagens práticas dos alunos.

3. Planificação e condução das aulas e avaliação das aprendizagens

3.1. Perspectiva Educativa e Métodos de Ensino

No que diz respeito à minha perspectiva Educativa, ou filosofia de ensino, considero que a minha opinião alusiva ao assunto, encontra-se em constante mutação. Através das várias fases que percorri a nível da minha formação académica na área das artes, as vivências e a experiência que a PES proporcionou, vieram tornar-se o momento “chave” dessa mesma mutação, através da formalização, assimilação de novas perspectivas e aprendizagens, que contribuíram para a obtenção de novas ideias que me seguirão no que diz respeito ao meu futuro profissional.

A minha experiência como “aluna”, tem sido maioritariamente o que influenciou a minha opinião relativamente à minha perspectiva educativa, assim como as relações provenientes deste estatuto. Ao reflectir sobre as mesmas, considero que a minha perspectiva educativa consiste na tentativa de seguir alguns valores que possam favorecer um bom funcionamento dentro de uma sala de aula, nomeadamente no que diz respeito à relação “Professor-Aluno”.

Tratando-se este um dos pontos mais lacerantes de todo o meu percurso como estudante, tendo em conta que teve de facto a sua importância no que toca ao sucesso ou insucesso das minhas aprendizagens em contexto educativo. Ao reflectir sobre bons e maus exemplos que pude experienciar no decorrer deste estágio, ao dar início ao primeiro ciclo de estudos no Mestrado de Ensino, pude entrar em contacto com uma vasta informação que acabou por vir a descodificar e a fundamentar as várias perspectivas previamente adquiridas.

No que toca à minha perspectiva educativa, após ter experienciado a PES, pude reflectir sobre algumas inquietudes que me afligiam inicialmente antes de poder dar início a esta fase da minha formação, debatendo-me muitas vezes com algumas questões que fizeram parte da minha transição de estatuto de aluna para o estatuto de docente.

Uma das inquietudes encontrava-se relacionada com o receio de a minha inexperiência como docente reflectir-se na expectativa de poder ser considerada uma má docente. No decorrer da PES e ao reflectir sobre o meu desempenho, considero que à luz da realidade, para se ser considerado um bom professor, este tipo de pensamento acabava

por cair em crenças e preconceitos reducionistas que fecham a mente e condicionam de certo modo as maneiras de agir, pensar e sentir dentro da sua sala de aula.

Ao longo de várias décadas fez-se sentir a necessidade de reflectir sobre as crises axiológicas que delinearão determinadas características identificadoras, tais como o “saber”, o “saber ser” e o “saber fazer” presentes na profissão do professor. Quando um indivíduo exerce docência, por exemplo, as técnicas para o acto de transmissão de conhecimentos está dependente da maneira como cada indivíduo vive a profissão. Cada docente a partir das suas ideologias, dos seus valores, referências e da sua bagagem intelectual, consegue possuir os “ingredientes” suficientes para a construção da sua identidade como professor. Pode-se ainda referir que na profissão do professor, torna-se impossível manter uma separação entre os limites que delineiam as dimensões pessoais das profissionais, posto isto, torna-se clara a existência de uma ligação que vem a transcender os seus comportamentos e saberes para se alear à maneira de ser (Nóvoa, 2000).

Tendo em conta aos processos de ensino e de aprendizagem, aplicados durante a PES, fundamentei-me em dar ênfase aos conhecimentos já adquiridos pelos alunos que influenciam de facto as suas aprendizagens, remetendo para uma análise de várias teorias desenvolvidas por vários autores, nomeadamente as perspectivas cognitivistas.

Ao ter em conta, que o ser humano além de racional e emocional é sociável e possuidor de características particulares da sua espécie desde que nasce, este faz automaticamente parte da sociedade, repleta de grupos que encerram origens, crenças e personalidades diversificadas.

Aquilo que um aluno já sabe influencia naturalmente a sua aprendizagem. A diversidade de alunos traz para a sala de aula diferentes saberes e concepções provenientes das suas vivências quotidianas. Hoje em dia, as aprendizagens das mais variadas disciplinas deixam de se resumir a introduzir informação em cérebros em branco (muitos professores mediante algumas atitudes alienadas de todo este processo pensam que estão a ensinar a alunos - “tabuas rasas”), antes pelo contrário, trata-se assim de um ponto de partida, onde o que já se sabe passa a ser tão importante como aquilo que é informação nova, considerando-se uma construção cognitiva activa.

O conhecimento do aluno começa a ser reconstruído, através dos alicerces da sua vida quotidiana, passando por desestruturação e reformulações contínuas do seu saber: aprendizagens por recepção e aprendizagens por descoberta. Os professores deparam-se cada vez mais com turmas heterogéneas numa perspectiva social, económica e cultural, o professor passa a ter que ir ao encontro das diferentes capacidades de assimilação de

conteúdos dos seus alunos, estimulando aprendizagens de acordo com aquilo que os alunos já sabem - carácter cognitivo; motivando-os a aprender onde a comunicação é a palavra de ordem - carácter aplicativo (Ausubel, 1968).

Tendo em conta os métodos de ensino, considero necessário ter-se em conta que existem vários factores que são determinantes na aprendizagem dos alunos, nomeadamente, é necessário existir uma averiguação inicial, através de diálogo com os alunos para determinar quais as motivações e as suas origens, para que possa proceder a um planeamento das Unidades Didácticas que favoreça uma aprendizagem que vá de encontro com aquilo que move os alunos.

Considero que este tipo de cuidado é importante para que um professor tenha em consideração ao exercer a docência, pois ao contrário do que se passava em décadas anteriores, onde o professor era o foco primordial de aprendizagem, e onde a partir do mesmo se gerava o ensino, hoje o aluno passou a ser o eixo e foco principal de uma sala de aula e o professor passa a ter um “papel secundário”.

A tarefa de motivar a aprendizagem assume assim um enorme significado no método pedagógico, pois na maioria das vezes, o professor traz para a aprendizagem apenas uma atitude de abertura, isto de acordo com Hetzer (1959).

Numa sala de aula o professor mediante a diversidade de alunos que lá existe, podem-se eventualmente apresentar alguns casos (alunos com reacções distintas mediante a recepção de uma aprendizagem e/ou tarefas) que possam ser atribuídos a uma motivação intrínseca e outros por motivação extrínseca. A primeira centra-se na tendência natural para procurar e vencer desafios por interesse pessoal ou para exercitar capacidades. Na motivação extrínseca, o aluno está interessado nos fins que essa aprendizagem lhe possa trazer em vez de se interessar pela aprendizagem em si.

Ao ter em conta os processos motivacionais, é necessário também que o docente tenha consciência de que a cada aluno é intrínseco de características que lhe são particulares. Segundo Lemos (2005), os alunos desmotivados são passivos, não se esforçam, evitam os desafios e usam repetidamente as mesmas estratégias sem sucesso. Deste modo, estes dois tipos de motivação têm grande impacto ao nível da realização do aluno e no modo como este se percebe a si e às suas capacidades e resultados.

O tipo de objectivos que os alunos perseguem e que marcam o seu modo de encarar as actividades escolares, bem como certos comportamentos e características psicológicas associadas a esses objectivos, determinam a motivação e a persistência na tarefa (Coll, Palacios & Marchesi, 1992). A partir de objectivos centrados na

aprendizagem, o aluno envolve-se nas tarefas, procura melhorar as suas competências independentemente dos resultados, de acordo com objectivos da mesma.

Por outro lado, existem alunos que movem-se através de objectivos de realização, tentando apenas parecer competente aos olhos dos outros. Segundo Woolfolk (1998), estes centram-se na forma como são julgados pelos outros, querem parecer inteligentes e adoptam estratégias defensivas para evitar o fracasso. Nem sempre os objectivos têm de ser escolhidos pelo indivíduo, até porque objectivos propostos podem elevar a auto-eficácia percebida, o empenho e a realização. O ideal será utilizar, continuamente, estratégias integradas no ensino/aprendizagem, que fomentem a auto-motivação dos alunos e para o seu próprio desenvolvimento motivacional, sem negligenciar a necessidade de recorrer a estratégias mais imediatas e remediativas, quer pelas características menos apelativas dos assuntos a abordar, quer pelas características de certos alunos (Lemos, 2005).

Relativamente à perspectiva alusiva aos métodos de gestão de sala de aula, considero que a partir do momento que o docente favorece uma boa gestão da mesma, proporciona condições que facilitam a aprendizagem dentro de uma sala de aula, demonstrando assim que as suas acções são reflexo de uma boa formação por parte do docente para a docência, essenciais para serem considerados profissionais competentes.

A gestão dentro de uma sala de aula, parte da concepção de métodos e estratégias de acção de um professor, para a gestão de comportamentos dentro de uma sala de aula, através de pensamentos e análise das particularidades do processo de ensino. Dentro de uma sala de aula, o objectivo do professor deve ser de tentar manter uma ordem de gestão de comportamentos e conteúdos da matéria a leccionar com o objectivo primordial de obter o máximo de rendimento possível por parte dos alunos, através da transmissão clara de informação aliada à promoção de bons comportamentos.

A importância que cada docente atribui às múltiplas tarefas que podem ser implementadas na sala de aula, contribuem para a existência de uma diferenciação das suas práticas. Uma planificação, por exemplo, pode ser uma boa ajuda para um professor, permitindo a orientação dos conteúdos, por parte dos professores e alunos, consciencializando-se dos objectivos implícitos das tarefas que têm de cumprir. A planificação vem a possibilitar também a contribuição para a redução de comportamentos de indisciplina ou a eventual “perda de rumo” da gestão dentro de uma sala de aula. (Melo.M,2011).

Para concluir, considero que quando toca à gestão da sala de aula deve existir uma consciencialização, que os comportamentos devem ser compreendidos como acções, que podem e devem ser renovadas diariamente, fluentes no seu significado para a vida social, onde passe a mesma a ser vista como um lugar, onde existe cooperação entre professor e o aluno abrindo lugar para fluírem aprendizagens mútuas, que por sua vez geram qualidade educativa e onde o conhecimento floresce e transforma-se.

Ao fazer uma retrospectiva das vivências e experiências adquiridas no 1º ciclo de estudos do Mestrado de Ensino, acho pertinente reflectir sobre o meu futuro como pessoa e como docente, tendo em conta que considero que a profissão não deve ser exercida de “ânimo leve”, é necessário que exista uma consciencialização de vários factores que considero serem necessários reter. Para um bom desenvolvimento pessoal e profissional de um docente, é necessário ter alguma capacidade de superar conflitos, administrar pensamentos e emoções, juntamente com uma boa bagagem cultural e académica, transmitir aprendizagens e informações coerentes na sala de aula, procurando educar o melhor possível, compreendendo as necessidades dos alunos como seres humanos complexos e individuais, assim, só através da experiência procederei à criação e transformação da minha própria personalidade e identidade, que me definirão como futura docente, estando assim constantemente a contribuir para um “acrescento” de novos conhecimentos capazes, possíveis de acrescentar também a minha experiência de vida.

3.2. Preparação das Aulas

3.2.1. Preparação das aulas de Desenho A - 12º Ano

A preparação das aulas de Desenho A surgiram no primeiro semestre do segundo ano de mestrado de ensino de artes visuais. O início da PES coincidiu com o primeiro período de aulas da turma do 12º D, na disciplina de Desenho A, tendo como carga horária duas horas e setenta minutos, assim como na sua calendarização se encontravam previstas serem dadas setenta e oito aulas durante esse período. Durante a PES eu e o meu colega de estágio, assistimos e produzimos um total de onze aulas durante o nosso tempo de PES na Escola Secundaria de Vendas Novas, todas elas assistidas sobre a supervisão da professora cooperante.

A preparação das duas aulas supervisionadas foi feita através da criação e desenvolvimento do meu trabalho e em cooperação com o meu colega de estágio, tendo sido esse trabalho desenvolvido em nove aulas. Durante esse tempo atendemos às necessidades da turma e a vários apelos por parte das docentes, relativamente à sua preocupação com o exame nacional de Desenho A. Após a primeira aula onde nos apresentámos aos alunos, começámos por trabalhar em função de tentar fornecer uma melhor preparação aos alunos para fazerem face ao exame nacional. Esta preparação das nove aulas leccionadas por mim e pelo meu colega envolveu várias pesquisas e adaptações dos exercícios que constam no programa nacional de Desenho A, com vista ao desenvolvimento das capacidades técnicas para a prática do desenho, tendo em conta às varias exigências que no exame são propostas.

Para a preparação das aulas supervisionadas, através do empenho preparatório das nove aulas anteriormente referidas, tanto eu como o meu colega trabalhámos em função de promover o desenvolvimento das nossas aulas supervisionadas individuais, trabalhando em paralelismo com o tema que cada um pretendeu desenvolver, adaptando-os de maneira a dar resposta às necessidades dos alunos, como foi anteriormente referido.

A partir da inclusão do tema a desenvolver, “ Educação para uma melhor compreensão da arte contemporânea”, as unidades didáticas para as duas aulas supervisionadas pela professora Olga Duarte, foram executadas através de várias pesquisas, recorrendo à utilização da internet, manual da disciplina, programa curricular e também através de uma análise dos exames nacionais de anos lectivos anteriores.

Uma mais-valia que considero beneficiadora para a preparação das aulas supervisionadas, é o conhecimento das potencialidades e capacidades técnicas a que pude assistir durante o desenvolvimento e acompanhamento dos vários exercícios didácticos que fomos propondo à turma desde o início da PES.

Proporcionando-nos um maior conhecimento da turma, alimentando também uma proximidade mais íntima a favor de um desenvolvimento gradual da nossa relação com os alunos. A planificação das aulas supervisionadas consistiu sempre em integrar nas suas estruturas uma componente teórico-prática, traduzindo-se em teoria, na apresentação de um artista contemporâneo, assim como na apresentação de imagens que ilustram os seus trabalhos. A componente prática encontrou-se aliada aos conteúdos teóricos, sendo na mesma, desenvolvido um exercício que, para além de complementar a componente teoria, permitiu que os alunos trabalhassem com vista a desenvolver as suas capacidades técnicas e expressivas.

Relativamente à preparação da primeira aula supervisionada, (consultar apêndice s A e E) o PowerPoint criado foi intitulado consoante o título da planificação da unidade didáctica “Representação de um Modelo Tridimensional – “Origami”. Nesta apresentação, resolvi fazer uma abordagem à “arte de trabalhar o papel” assim como uma abordagem histórica da origem do *origami*. Optei por fazer uma selecção de vários trabalhos representativos da utilização do origami, executados por entusiastas da técnica.

A componente prática pertencente à planificação da unidade didáctica da aula supervisionada consiste num exercício fundamentado no primeiro grupo presente no exame nacional de desenho. Este exercício, tal como o que foi preparado para a aula supervisionada, consistiu na representação gráfica à vista dos modelos preparados individualmente por cada aluno para poder ser desenhado recorrendo ao uso de grafites. Fiz referência através da apresentação de um artista internacional que recorre ao uso do papel como material de produção das suas obras.

Ainda fazendo parte do conteúdo do PowerPoint, procedi à apresentação de dois vídeos, que consistiram nas instruções de montagem de dois modelos que os alunos iriam executar, para prosseguirem ao registo gráfico dos exemplares.

A preparação da segunda aula supervisionada, envolveu a mesma estrutura que utilizamos na primeira, ou seja, consistiu numa aula de cariz teórico-prático, partilhando dos mesmos objectivos e princípios da primeira, com a excepção das componentes temáticas assim como do exercício prático.

A apresentação de PowerPoint foi intitulada, “Lucian Freud” (consultar apêndice B), nesta apresentação seleccionei um artista, assim como uma selecção das obras do mesmo, juntamente com uma breve biografia. A apresentação encontrava-se organizada consoante uma ordem cronológica. A informação recolhida para a elaboração da componente teórica foi recolhida através da internet. Considero a apresentação de vários artistas contemporâneos e dos seus trabalhos proveitosa para o aumento da cultura visual dos alunos, assim como também pude aferir em diálogo com os alunos, a sua opinião relativamente à apresentação de artistas contemporâneos. A ideia foi bastante bem recebida. Muitos achavam que a possível apresentação dos mesmos era considerada necessária, para que assim se encontrassem informados sobre uma maior variedade possível, sobre o mundo da arte, com vista a ajudá-los no seu futuro profissional, independentemente da vertente artística que pretendem seguir. É com base neste ponto que me irei fundamentar para o desenvolvimento do tema do relatório.

Quanto à componente prática da aula supervisionada, consistiu num exercício de representação à vista de uma figura bidimensional. Mais uma vez, para a execução do exercício considerou-se uma adaptação de uma proposta de exercício que consta no programa nacional de Desenho A, que diz respeito no desenho à vista de desenhos já executados por artistas.

O exercício que planeei para a aula supervisionada consiste por sua vez na representação à vista de uma pintura do artista apresentado, tal como no exercício da primeira aula supervisionada, tendo sido pedido aos alunos que recorressem ao uso de grafites em ambas as aulas.

3.2.2. Preparação das Aulas de Educação Visual – 7º Ano

A preparação das aulas de Educação Visual surgiu no decorrer da segunda parte da PES, que incidiu sobre o 3º Período do ano lectivo, da turma do 7º ano, turma A, sendo a disciplina composta por uma aula semanal com uma carga horária de 90 minutos.

Durante a PES, procedi à observação e leccionação de seis aulas, com a cooperação da professora cooperante, à excepção das duas aulas supervisionadas, que foram leccionadas unicamente por mim, com a supervisão do professor supervisor da universidade e da professora cooperante da escola.

A preparação das aulas supervisionadas da disciplina de Educação Visual, são compostas pela mesma dinâmica das Unidades Didáticas preparadas para a disciplina de Desenho A. Privilegiaram-se aulas com um cariz teórico-prático. A PES na Escola Básica André de Resende, ao contrário das aulas preparadas para a Escola Secundária de Vendas Novas, tendo em conta que os alunos não se encontram sujeitos à prova nacional da disciplina no final do ano lectivo em que se encontram, proporcionaram-me uma maior liberdade no que diz respeito à execução e escolha das temáticas das Unidades Didáticas. Considero que esta liberdade, para além dos factores acima mencionados, passou também pela liberdade que o programa de Educação Visual promove no que toca às componentes temáticas e dos conteúdos a leccionar.

Ao proceder à preparação das Unidades Didáticas que compõem as primeiras aulas, pretendi que a sua composição permitisse atingir uma determinada flexibilidade para que pudesse começar a ambientar-me à gestão de uma turma de 7ºano. Pensei igualmente na minha adaptação ao nível do estabelecimento de relações com os alunos, tendo em conta que a faixa etária dos alunos do 12ºano encontrava-se de facto próxima da minha, facilitando o processo das relações estabelecida. Ao deparar-me com as faixas etárias dos alunos do 7ºano, o distanciamento era maior.

Após os primeiros contactos estabelecidos, decidi proceder à elaboração da primeira unidade didáctica, que consistiria como uma fase preparatória para os conteúdos que seriam abordados na primeira aula supervisionada (3ª aula supervisionada da PES). A partir desta Unidade Didáctica entrei em diálogo com os alunos para tomar consciência de que tipos de conhecimentos os alunos desta turma possuíam relativamente ao tema: “Arte Contemporânea”.

Esta turma tinha executado recentemente uma visita de estudo ao Museu Berardo, assim como a professora cooperante da escola, já tinha previamente procedido à explicação de algumas obras que se encontravam presentes no museu. Portanto, estes alunos quando procedi ao diálogo alusivo ao tema da Arte Contemporânea, já se encontravam com algumas “luzes”. Posto isto, pedi aos alunos que descrevessem numa única frase no que se poderia traduzir a Arte Contemporânea, para uma folha de papel. A partir dos resultados que os alunos foram obtendo, na segunda aula de PES, procedi à introdução da prática da exploração cromática, por parte dos alunos, recorrendo à técnica do “marmorizado”, que consiste numa técnica onde todo o seu processo resulta numa composição não controlada, composta por diferentes tipos de manchas, linhas e formas que formam uma composição espontânea. Para a execução da técnica, procedi à organização dos alunos em grupos de

quatro elementos para facilitar o processo de gestão e acompanhamento dos trabalhos dos alunos. Os trabalhos que resultariam desta Unidade Didáctica seriam mais tarde, adaptados por mim para que estes pudessem ser transformados no material de trabalho para o desenvolvimento da segunda Unidade Didáctica que se encontrava programada para a aula supervisionada (3ª aula supervisionada).

A preparação da aula supervisionada, consistiu então na continuação da Unidade Didáctica anterior. Para o conteúdo teórico desta aula, foi preparada uma apresentação PowerPoint (consultar apêndices C e G), cujo tema tem como principal objectivo dar a conhecer aos alunos, artistas contemporâneos e respectivos trabalhos, para que possam entrar em contacto com os mesmos. Assim foi promovido o diálogo que permitiu uma troca de impressões e uma introdução a breves noções e perspectivas sobre os artistas e suas obras. Nesta apresentação, forma também abordada a breves biografias correspondentes a cada artista, nomeadamente, as de Jean Arp, Ellsworth Kelly, Ray Johnson, Herman de Vries e de Gerhard Richter.

Com o conteúdo prático desta Unidade Didáctica, pretende-se dar continuidade à unidade didáctica anterior, “introdução à técnica do marmorizado”. Através desta unidade, pretende-se dar uma introdução à exploração de uma composição monocromática a partir de colagens, tendo como material de trabalho, o resultado dos exercícios que advêm da exploração cromática da técnica do marmorizado.

Com este exercício os alunos procederam ao desenvolvimento de uma composição livre, recorrendo a colagens, a partir de um conjunto de fotocópias nas quais se encontram presentes todos os trabalhos dos alunos. A partir deste método considere-se que seria gratificante e ao mesmo tempo lúdico, para os alunos interagirem com as réplicas (fotocópias) dos seus trabalhos, incentivando-os a produzir algo de novo com os resultados obtidos a partir da exploração da técnica inicialmente trabalhada.

Na segunda aula supervisionada (4ª aula supervisionada) na Escola Básica André de Resende, foi preparada uma Unidade Didáctica onde se pretendeu dar a conhecer um dos processos que são necessários serem previamente preparados para a execução de uma animação *StopMotion*, nomeadamente, o *Storyboard*. Esta aula foi distribuída em duas componentes, uma teórica e uma prática (consultar apêndices D e H). A componente teórica consistiu numa apresentação de PowerPoint, com uma breve explicação sobre como funcionam os mecanismos técnicos e como são compostos a *Stopmotion*. Nesta exposição teórica constou também uma breve referência ao surgimento da mesma no mundo do

cinema. Estas componentes acima mencionadas foram a introdução para o tema que se desenvolveu, nomeadamente o *Storyborad*.

Após a contextualização que explica como é composta a técnica do *Stopmotion*, prossegui para a apresentação dos artistas e os seus respectivos trabalhos e biografias que recorrem ao uso deste *media* como método de produção artística, nomeadamente, José Miguel Ribeiro, Tim Burton e Adam Pesapene. Todos estes artistas, encontram-se actualmente a produzir animações de curtas-metragens e longas-metragens para indústrias cinematográficas assim como a comercialização dos seus trabalhos para entidades privadas.

O tema abordado no PowerPoint teve como principal objectivo dar a conhecer aos alunos, artistas contemporâneos e os respectivos trabalhos, para que pudessem entrar em contacto com os mesmos. Também pretendi promover o diálogo sobre as obras para que fosse permitida uma maior “intimidade” dos alunos com os trabalhos dos artistas.

Após a apresentação e diálogo com os alunos sobre o tema exposto, prossegui para a apresentação do exercício que os mesmos terão que desenvolver ainda em tempo de aula. Este consistiu na execução de um breve guião para que pudessem proceder à execução de várias ilustrações que narravam uma história, para a produção de uma possível animação de curta-metragem à semelhança dos exemplos apresentados.

Foi pedido aos alunos que procedessem à elaboração dos seus trabalhos com materiais riscadores. O suporte onde os alunos iriam trabalhar, foi previamente preparado para que facilitasse o processo de construção do *Storybord*. Com o desenvolvimento desta Unidade Didáctica pretendeu-se que os alunos, entendessem a logística que envolve a criação de uma animação *Stopmotion*, tentando assim, promover a capacidade de organização dos processos criativos que são necessários para a criação de um *Storyboard*, conhecer e compreender os trabalhos dos artistas contemporâneos apresentados, promover a criatividade expressiva através da imaginação.

A partir das Unidades Didácticas desenvolvidas e dos objectivos que pretendo obter, espero que contribuam para um aumento da cultura visual dos alunos, favorecendo o desenvolvimento de formação artística mais diversificada e com mais qualidade.

3.3. Condução das Aulas

3.3.1. Condução das Aulas de Desenho A - 1º Aula Supervisionada

A primeira aula supervisionada na Escola secundaria de Vendas Novas surgiu no dia 9 de Novembro de 2012. Mediante um diálogo informal com a docente da disciplina e com a professora orientadora, para nos podermos pôr a par, tanto eu como o meu colega, tomámos consciência relativamente às necessidades da turma com que iríamos trabalhar. Tratava-se de uma turma de 12º ano, que terá exame nacional de acesso à entrada no ensino superior. Assim a responsabilidade relativamente à nossa prestação e conteúdos programáticos que pretendíamos leccionar iria aumentar.

Posto isto, desenvolvi um exercício adaptado de maneira a corresponder com os parâmetros que são exigidos no exame nacional.

A aula supervisionada consistiu numa aula de cariz teórico-prático, nomeadamente a primeira parte consistiu na exposição do tema, recorrendo ao uso de material didáctico, apresentado em PowerPoint.

Antes de dar início à apresentação, entrei em diálogo com os alunos para poder especificar o que se iria suceder, assim como os objectivos da mesma. Os alunos foram bastante receptivos e demonstraram bastante interesse e curiosidade pois apesar de já se encontrarem habituados ao uso do PowerPoint noutras disciplinas curriculares, foram muito poucas as vezes que tiveram docentes das disciplinas curriculares de expressões que recorressem aos materiais interactivos e didácticos, nomeadamente uma apresentação de cariz teórico de PowerPoint.

Ao dar início à apresentação de PowerPoint, comecei por fazer uma breve introdução sobre a “arte em papel”, nomeadamente a técnica do “*origami*” que é considerada por muitos como a arte de dobrar papel mais antiga da História. Posto esta introdução, procedi à explicação de que o “*origami*” deu origem a outras técnicas e que estas foram exploradas das mais variadas formas, chegando até aos dias de hoje, usados nos mais variados propósitos.

Um dos alunos perante a apresentação, interveio referindo que não lhe agradava o facto de se insistir com esse tema, devido ao exercício que consta no exame nacional de Desenho A, que consiste no desenho à vista de um modelo tridimensional de papel. Muitos

dos alunos partilharam da mesma opinião, mostrando-se exaustos por se encontrarem a executar vários exames como forma de preparação para o seu próprio exame.

Face aos comentários dos alunos, senti-me deveras preocupada pois o exercício que tinha preparado partia exactamente do mesmo objectivo/método que o exame nacional. Posto isto, prossegui com a apresentação e executei uma pequena selecção que ilustrava vários exemplos de como actualmente artistas e entusiastas recorrem à técnica no “origami”. Ao apresentar os exemplos seleccionados, os alunos demonstraram-se entusiasmados e ao mesmo tempo admirados relativamente à complexidade de alguns trabalhos. Ao mesmo tempo demonstravam também alguma afinidade, pois algumas das imagens apresentadas representavam temas que iam de encontro aos seus interesses.

A partir desta breve introdução sobre a origem e exemplos do “origami”, apresentei vários trabalhos de um artista contemporâneo que usa o papel como material para produzir as suas obras, nomeadamente Peter Calleseu. Os alunos começaram a retirar varias notas sobre os trabalhos do artista, à medida que iam levantando questões sobre alguns trabalhos durante a apresentação.

Considerei deveras gratificante o interesse dos alunos perante o tema, senti também alguma satisfação perante todo o trabalho que empenhei para a elaboração da unidade didáctica. Naquele momento, ao assistir ao bom comportamento dos alunos, considerei que transcendeu todas as minhas expectativas. Após ter terminado os conteúdos teóricos planeados para a aula, surgiu o momento em que teria que apresentar o exercício prático à turma. Após ter assistido aos comentários dos alunos assim como as suas opiniões relativas ao exercício que consta no exame nacional, encontrava-me extremamente nervosa e com receio de desapontar os alunos. Posto isto, comecei por explicar aos alunos que no exercício que iriam executar, seriam os próprios a proceder à execução do modelo assim como à representação gráfica do mesmo. Aqui os alunos começaram por retirar os materiais necessários para a execução do modelo, muitos demonstraram-se apáticos. Assim que os alunos se encontravam prontos a trabalhar, expliquei-lhes que iria ser apresentado um vídeo explicativo de como elaborar dois tipos de “origami” e que seriam aqueles os modelos que iriam representar.

A partir desta explicação pude automaticamente verificar que os alunos se encontravam bastante mais animados, demonstrando-se ansiosos para poderem aceder ao vídeo explicativo. A reacção que os alunos demonstraram foi de facto uma surpresa para mim e ao mesmo tempo acabei por me sentir bastante aliviada. Após ter dado início ao vídeo, procedi ao acompanhamento dos alunos que necessitassem de ajuda na montagem

do modelo. Com o prosseguimento da montagem dos modelos, propus aos alunos que dessem início à segunda parte do exercício, que consiste na representação do modelo à vista, recorrendo ao uso de materiais riscadores, nomeadamente as grafites, para a representação gráfica do modelo. À medida que os alunos iam terminando o modelo, prossegui ao acompanhamento individual de cada aluno na execução dos seus trabalhos gráficos, auxiliando-os através de pequenas anotações em folhas à parte com as mais variadas noções de perspectiva, “os jogos luz/sombra”, tendo em atenção à luz natural que incide sobre o objecto a ser representado.

Considerações Finais – Reflexão

No final da primeira aula supervisionada, em diálogo com a professora orientadora cooperante, juntamente com a docente da disciplina, pude aferir um balanço positivo, relativamente à minha prestação durante a aula supervisionada. Um dos aspectos negativos apontados pela docente foi a minha projecção de voz, encontrando-me demasiado tensa. Relativamente a esta observação, considero que talvez esteja relacionado com o facto de se tratar da primeira aula que leccionei sem a presença do meu colega de estágio, João Jorge.

3.3.2. Condução das Aulas de Desenho A – 2º Aula Supervisionada

A segunda aula supervisionada, na escola secundária de Vendas Novas surgiu no dia 30 de Novembro de 2012, (consultar apêndices B e F) esta aula supervisionada à semelhança da primeira, foi preparada para ser constituída por duas partes, uma de cariz teórico e uma outra prática.

Na primeira parte da aula, foi planeado a apresentação de um PowerPoint que consistia na apresentação de um artista seleccionado: Lucien Freud. Antes de dar início à aula, comecei por explicar aos alunos o que se iria suceder na aula. Dei início a um diálogo informal, relativamente ao que os alunos achariam das aulas que pretendia desenvolver. Os alunos responderam de forma positiva e muito optimistas relativamente aos temas, que iriam desenvolver tendo em conta que muitos achavam necessário a apresentação de artistas contemporâneos, para poderem aumentar a sua cultura visual. Viam este método pedagógico como uma mais-valia para quando dessem entrada no ensino superior. Ouvir as opiniões dos alunos, fez-me sentir deveras entusiasmada e ao mesmo tempo, tornou-se gratificante todo o trabalho e empenho que foram necessários para o desenvolvimento das unidades didácticas que pretendia desenvolver com os alunos. A perspectiva de ensino que pretendia seguir já se encontrava “a dar frutos”.

Terminado o diálogo com os alunos, acabei por dar início à Unidade Didáctica que pretendia desenvolver, dando início com a apresentação de PowerPoint onde executei uma breve abordagem biográfica sobre o artista, seguido de um “apanhado” sobre o que é que consiste a obra do artista, nomeadamente as temáticas, e de como o artista classifica as suas obras.

Seguidamente passei para a apresentação da fase inicial da pintura do artista. Assim como uma explicação a partir dos conhecimentos que adquiri ao longo da minha formação académica relativamente a trabalhos do artista, fundamentados através de leituras e visionamentos de obras do autor. Após ter falado sobre a primeira fase, passei para a segunda fase da pintura, à qual o artista se manteve fiel até ao final do seu percurso artístico.

Ao longo da apresentação os alunos mantiveram-se interessados e atentos, algo que pude aferir a partir de questões que se foram levantando no decorrer da exposição do tema, assim como grande parte iria retirando notas sobre os títulos das obras que mais lhe

interessavam para que mais tarde pudessem executar uma pesquisa, se necessário, mediante os seus interesses.

Ao terminar com a fase expositiva, comecei por explicar aos alunos a segunda fase da aula, que consistia na elaboração de um exercício prático, que consistia na representação à vista de uma figura bidimensional, com exploração da capacidade de análise.

A figura bidimensional consiste numa pintura de um auto-retrato do artista, nomeadamente “*Reflection*”, uma pintura a óleo executada pelo artista em 1985. Os alunos mediante a observação da imagem, teriam em conta a representação expressiva das formas, aos jogos de claro-escuro e volumes usados pelo artista. Pretendi que os alunos executassem a representação expressiva e fiel da figura, tendo como requisitos o enquadramento da figura relativamente à folha onde iriam desenvolver o exercício.

Este exercício foi desenvolvido através de uma adaptação de um dos exercícios sugestivos que constam no programa nacional de Desenho A, e que consiste na representação gráfica de desenhos de artistas seleccionados livremente pelos docentes que se encontram a leccionar a disciplina.

Após a explicação do exercício, procedi à entrega individual de uma folha com o exercício especificado, assim como várias fotocópias de um livro de anatomia específico para artistas⁴, onde constavam vários exemplos de como proceder à técnica do desenho anatómico da cabeça e restantes elementos integrantes da cabeça humana. Optei por anexar estas imagens de maneira a prestar um auxílio visual e técnico aos alunos, para poderem proceder à estruturação correcta da imagem que se pretendia representar.

Os alunos ao darem início à execução do exercício, mesmo tendo os auxiliares visuais, demonstraram ter inúmeras dificuldades no que toca à estruturação dos cânones da construção anatómica que constitui a cabeça humana. Perante as dificuldades que os alunos demonstraram ter, acabei por ter que improvisar uma explicação básica sobre os cânones alusivos ao desenho da cabeça da figura humana. Nesta explicação, acabei por desenhar no quadro branco, passo a passo, as componentes estruturais que compõem o desenho anatómico da cabeça humana. Posto isto, procedi ao acompanhamento individual dos alunos para poder prestar auxílio às dificuldades sentidas individualmente por cada aluno.

Durante o prosseguimento da aula pude averiguar a existência de alguma disparidade a nível da execução técnica e resultados finais dos exercícios, alguns alunos

⁴ SZUNYOGHY, A. e FEHÉR, G. *Human Anatomy: For artists*. 436,440 e 402pp.

apresentavam os desenhos finalizados, mas outros, tendo em conta às inúmeras dificuldades e carências a nível técnico para a prática do desenho, apresentavam apenas desenhos compostos de esboços da figura.

Perante este cenário, para não fazer com que os alunos se sentissem pressionados relativamente às expectativas que pretendiam obter da elaboração do desenho, foquei-me mais nas aprendizagens que poderiam ser retiradas desta aula, ou seja, mesmo que os alunos não correspondessem aos objectivos pretendidos inicialmente com o exercício, a partir da explicação técnica improvisada por mim em tempo de aula, os alunos adquiriram esses conhecimentos e conseguiram executar com sucesso a estruturação e enquadramento correcto da cabeça, dos olhos e boca do elemento que se pretendia representar.

No final da aula após ter executado uma análise dos exercícios dos alunos, ainda em tempo de aula e através de um diálogo informal com os alunos, pude concluir que os mesmos conseguiram assimilar e compreender a estruturação do desenho técnico, a partir da explicação improvisada que tive que executar. Posso antecipadamente afirmar que se tratou da experiência educativa mais gratificante que alguma vez poderia ter tido, tendo em conta ao sucesso das aprendizagens que os alunos obtiveram durante esta aula, assim como o facto de, pela primeira vez, a partir de uma improvisação, ter conseguido transmitir conhecimentos aos alunos.

Considerações Finais da Aula Supervisionada

No final da minha segunda aula supervisionada pude aferir junto da professora orientadora cooperante e da professora da disciplina, que a aula teve um balanço positivo, tendo em conta o sucesso das aprendizagens dos alunos obtidas a partir desta aula.

Durante a aula supervisionada surgiram ainda outros factores positivos, dos quais não pude ter consciência, tendo em conta que me encontrava focada na leccionação da aula em questão, sendo estes elucidados pela professora orientadora cooperante, a professora Olga Duarte. Estes factores passavam por, durante a exposição do tema ter conseguido transmitir a informação de forma clara através de uma boa dicção e outro factor passou pelo acompanhamento prestado individualmente aos alunos. Um ponto negativo referido pela professora Olga Duarte tratou-se do facto de existir uma falta de movimentos corporais que acompanhassem o meu discurso, nomeadamente segundo a docente, encontrava-me fisicamente tensa e estática. Neste ponto posso justificar o nervosismo como factor que se reflectiu na minha prestação durante a parte expositiva da aula.

3.3.3. Condução das Aulas de Educação Visual – 3º Aula Supervisionada

A primeira aula supervisionada na Escola André de Resende surgiu no dia 16 de Abril de 2013. Mediante o tema que pretendi desenvolver decidi produzir uma aula de cariz teórico-prática (consultar apêndices C e G).

Na primeira parte da aula, foi planeado uma apresentação de um PowerPoint previamente preparado para fazer “ponte” com o conteúdo da primeira Unidade Didáctica, apresentada à turma nas primeiras aulas que leccionei durante a PES. Esta apresentação de PowerPoint, consiste numa breve selecção de artistas contemporâneos que, no seu dia-a-dia de produção artística, recorrem ao “acaso” como componente assumida do seu trabalho. Nesta apresentação consta ainda uma breve nota histórica de quando surgiu este método de produção artística assim como os artistas pioneiros na prática da mesma.

Posteriormente, prossegui para a apresentação dos trabalhos dos artistas que selecionei para apresentar à turma. Antes de dar início à apresentação, expliquei à turma o que se iria suceder. Muitos demonstraram bastante curiosidade relativamente ao que iria ser apresentado. Este factor foi para mim deveras gratificante aumentando de certa forma a pressão que sentia naquele momento relativamente à minha prestação. Neste momento também pude aferir o nível de interesse dos alunos, pois muitos começaram a retirar espontaneamente os seus diários gráficos das mochilas para poderem retirar apontamentos.

Após a apresentação da breve nota histórica de como surgiu este método de produção artística, que ainda hoje é utilizada por muitos artistas, comecei por apresentar as imagens de alguns trabalhos relativos ao primeiro artista seleccionado, Jean Arp. Antes de poder dar início ao meu discurso, a turma começou a ficar bastante agitada. Antes que perdesse a atenção dos alunos resolvi agir rapidamente, chamando-os à atenção. Neste momento resolvi fazer a ligação de uma característica pessoal do artista que iria apresentar, com a de uma figura portuguesa que possuísse as mesmas características, nomeadamente Fernando Pessoa. Imediatamente, questionei os alunos se conheciam Fernando Pessoa. Parte dos alunos que se encontravam com atenção, responderam automaticamente que sim. Após a resposta destes alunos em coro, fez com que os “distractores” e “distraídos” prestassem atenção ao que se estava a passar, querendo também fazer parte do diálogo que estava a acontecer. Aproveitei esta atenção para referir que os artistas ali apresentados, tal como Fernando Pessoa, tinham heterónimos. Posto isto, consegui obter a atenção por completo da turma, algo que pode transparecer através do silêncio que se seguiu, assim

como os olhares que se encontravam fixados em mim aguardando o que lhes iria dizer a seguir.

Ao prosseguir com a apresentação dos artistas seleccionados, assim como da explicação sobre os trabalhos dos mesmos, um aluno pediu autorização para poder intervir. O aluno partilhou um momento que tinha passado com o pai, onde teriam ido ao centro comercial, e nesse dia encontrava-se uma propaganda de uma marca de latas de tinta, onde o público era convidado a agarrar em baldes de tinta e atirar contra uma parede. Achei esta intervenção de facto interessante, devido a ter sido elaborada uma acção publicitária deste género, o aluno automaticamente fez a associação do seu momento pessoal, associando-o em contexto de sala de aula.

Na sociedade tecnológica em que hoje nos encontramos, a publicidade prolifera nos meios de comunicação televisivos, e internet. Os jovens encontram-se sujeitos ao mais variado tipo de códigos publicitários, assimilando uma diversidade enorme de informação e muitas das vezes, surge a necessidade de canalizá-la para que possam, muitas das vezes, serem usadas como referência explicativa aplicada em contexto educativo. A intervenção do aluno foi propícia para que tenha havido interacção dos conhecimentos dos alunos com aquilo que se pretende leccionar.

Para fazer ponte entre o contexto de intervenção do aluno e o tema da apresentação, expliquei que, aquele tipo de acção publicitária, como muitas outras, inspira-se em movimentos artísticos ou até mesmo em técnicas artísticas com fins publicitários. Este exemplo que o aluno referiu, e muito bem (agradei a intervenção do aluno face á sua participação em contexto de sala de aula) advém de um movimento artístico, “arte abstracta”, mais propriamente com a técnica desenvolvida por Jackson Pollock. Este artista à semelhança do artista apresentado, Jean Arp, recorreu ao “acaso” como método assumido de produção das suas obras de arte.

A obra de Ellsworth Kelly, “*Spectrum Colours arranged by chance VI*”, executada em 1951 consiste numa composição de vários quadrados sobrepostos ao acaso. Perante o slide apresentado surge uma intervenção espontânea, onde mais uma vez a associação de uma obra de arte com uma das muitas componentes da era tecnológica a que estes jovens se encontram sujeitos é evidente. O aluno em questão, associou a obra de Ellsworth Kelly, “um jogo de pixel arte”. Mais uma vez deparei-me com uma situação onde voltei a fazer a ponte entre o conhecimento que os alunos já têm adquiridos, com aquilo que pretendo leccionar de novo.

Através das intervenções dos alunos pude aferir que a sua cultura visual passa pela cultura de massas presentes nos novos media, repletos de informação submetida através dos mais variados contextos. Acabei por ter que contextualizar, explicando que a *Pixel Arte*, nos dias de hoje, também se encontra presente em vários jogos (fiz referência a alguns jogos populares dentro da faixa etária dos alunos), explicando que para a produção dos mesmos, para além de existirem especialistas informáticos, é necessário também uma equipa de indivíduos formados nas mais variadas áreas artísticas que executam o tratamento das personagens, cenários, entre outros.

Os alunos no decorrer do meu discurso foram partilhando impressões, paralelamente à apresentação do tema, demonstrando-se interessados, o que acabou por ser extremamente positivo e gratificante para mim.

Após ter terminado a apresentação dos artistas que seleccionei, fiz a introdução ao exercício que os alunos iriam executar ainda em tempo de aula. Demonstraram bastante interesse no exercício que lhes tinha sido proposto, pois estes iriam trabalhar com os exercícios executados na aula anterior, sendo uma compilação de fotocópias dos trabalhos de todos os alunos.

Foi distribuído a cada um dos alunos essa mesma compilação, a qual serviria de material necessário para a execução do exercício. A partir do material distribuído foi proposto aos alunos que executassem uma composição livre através de colagens, de maneira a que pudessem transformar o exercício anterior numa nova composição, monocromática. Os alunos após a explicação procederam prontamente à execução dos exercícios. Posto isto, comecei por dar acompanhamento individual a cada aluno, para que pudesse acompanhar os trabalhos dos alunos assim como prestar auxílio a quem o necessitasse. Ao percorrer a sala, grande parte dos alunos, com entusiasmo, começaram por explicar as suas ideias relativamente ao que iriam desenvolver.

Considerações finais da aula- Reflexão

No final da terceira aula supervisionada, pude aferir juntamente com os pareceres do professor supervisor e da professora cooperante, que a aula teve um balanço positivo. Como foi referido ao longo do discurso da aula supervisionada, os alunos demonstraram-se sempre interessados e participativos, factores estes que se traduziram num bom ambiente educativo propício para uma boa aprendizagem. Um outro factor também positivo, referido pelo professor supervisor foi a boa relação que demonstrei ter com os alunos. Sem nunca

poder deixar de referir os pontos negativos. Na minha opinião, é a consciência destes, que fazem melhorar o desenvolvimento do meu trabalho assim como a minha prestação como futura docente.

Um dos aspectos negativos que pude aferir junto dos docentes foi o facto da mediação das intervenções de alguns alunos, terem sido de forma desordeira, ou seja, permitindo que intervissem sem ser segundo as regras de sala de aula, nomeadamente, colocar o braço no ar para poderem falar. Com a ânsia de poder responder às perguntas dos alunos e conseguir articular as vivências que iam partilhando com o conteúdo a ser apresentado, não consegui prestar a devida atenção para que fosse cumprido uma das regras essenciais para que haja uma boa organização dentro da aula.

3.3.4. Condução das Aulas de Educação Visual – 4º Aula Supervisionada

A quarta aula supervisionada teve lugar na Escola Básica André de Resende, surge no dia 23 de Abril de 2013, esta aula supervisionada possui a mesma linha estrutural adoptada nas anteriores, sendo esta composta por duas partes, uma parte expositiva, e uma de teor prático (consultar apêndices D e H).

Antes de dar início à primeira parte da aula, especifiquei aos alunos o que se iria suceder, assim como questionei os mesmos se se lembravam do que tinha sucedido na aula anterior (3ª aula supervisionada), os alunos demonstraram recordar-se do que tinham aprendido com a parte expositiva da aula anterior assim como do exercício que tinham executado. Ao presenciar as várias respostas dos alunos, mais uma vez senti que a minha passagem por esta turma tinha sido produtiva, tendo em conta que as aprendizagens que os alunos adquiriram consoante as unidades didácticas desenvolvidas por mim, encontravam-se ali reflectidas através da recapitulação do que tinha sido abordado na aula anterior.

Após ter terminado o diálogo com os alunos, comecei por dar início à explicação e especificação do tema que pretendia trabalhar, que consiste numa breve “Introdução à Animação Stop Motion”. Posto isto, comecei por expor o tema com o auxílio do PowerPoint. Antes de poder começar a apresentação, os alunos encontravam-se bastante agitados e inquietos. Isso começou por me deixar preocupada tendo em conta a imprevisibilidade das reacções dos alunos. Também fez-me sentir, ao mesmo tempo, nervosa, tendo em conta que se encontrava presente o professor supervisor.

Ao encontrar-me nesta posição que poderia pôr em causa as aprendizagens dos alunos relativamente ao conteúdo da unidade didáctica, assim como também pôr em causa a minha prestação, imediatamente tentei dar resposta perante a situação em que me encontrava. Apelei à atenção dos alunos, e sem demoras, acabei por ter que improvisar uma explicação mais “cativante” para a introdução histórica alusiva ao tema, pois a que tinha inicialmente planeada passava por uma referência mais “tecnicista”.

Assim comecei por adoptar uma explicação através de histórias verídicas associadas à vida de Gorges Méliés, pioneiro cinematógrafo, que fez nascer ao que hoje conhecemos como a tradicional “Animação Stop Motion”. Posto isto, consegui captar a atenção dos alunos que se mantiveram atentos para o conteúdo da apresentação de PowerPoint, apercebendo-me de que “o prender” da atenção dos alunos era de facto frágil.

Ao prosseguir com a explicação do tema fui elaborando vários desenhos explicativos no quadro de giz, que iam ilustrando a componente teórica, mantendo um discurso aberto para que os alunos pudessem ir participando de maneira a completar as suas aprendizagens.

Após a abordagem histórica e científica sobre os processos técnicos que compõem a Animação *StopMotion*, prossegui para a explicação de uma das componentes necessárias para que se possa produzir uma Animação *StopMotion*, nomeadamente a explicação sobre o *Story Board*. Para este último tema apelei mais uma vez à atenção dos alunos, tendo em conta que o exercício prático que iriam desenvolver ainda em tempo de aula, consistia no desenvolvimento de uma ilustração livre na concepção de um *Story Board*. Aqui pude assistir por parte de alguns alunos à demonstração de algum desinteresse, algo que me preocupou bastante.

Ao dar continuidade à apresentação do *Story Board* os alunos associaram os exemplos apresentados à banda desenhada, esta associação foi deveras importante, pois consegui obter novamente uma abertura para poder cativar o interesse dos alunos, justapondo com os conteúdos técnicos da execução do *Story Board*.

Ao terminar com a apresentação da temática introdutória, comecei por fazer a apresentação de três artistas, assim como alguns exemplos dos seus trabalhos de animação *StopMotion*. Perante esta segunda parte da componente teórica da apresentação, os alunos demonstraram uma atitude mais calma, tendo em conta que os vários exemplos seleccionados, eram compostos por vídeos de curta-metragem com variadas temáticas. Perante o comportamento e interesse demonstrado por parte dos alunos o facto de ter

adoptado este sistema interactivo no que toca á demonstração de curtas-metragens, foi de facto compensador, proporcionando um bom ambiente dentro da sala de aula.

Após ter terminado a apresentação procedi à explicação do exercício que os alunos iriam desenvolver ainda em tempo de aula. Entretanto procedi ao pedido de dois alunos, voluntários, para prosseguirem à distribuição das respectivas caixas dos materiais dos alunos. Cada aluno possui uma caixa de cartão, decorada ao seu gosto, onde os mesmos retêm os materiais requisitados pela docente da disciplina no início do ano lectivo. Durante o tempo que os alunos voluntários demoravam a distribuir os materiais, entrei em diálogo com os alunos, pois alguns aproveitaram também esse tempo para manifestarem algumas dúvidas pontuais, relativamente ao exercício apresentado.

Após a distribuição dos materiais, os alunos executaram o exercício pedido. Grande parte encontrava-se a debater ideias com os colegas, relativamente à história que iriam desenvolver. No decorrer da elaboração dos exercícios acompanhei individualmente cada aluno, entrando em diálogo consoante as necessidades de cada um. Ao percorrer a sala iam surgindo vários apelos, que senti que necessitavam de uma atenção particular para que pudessem prosseguir com o desenvolvimento do seu processo criativo, enquanto outros, que considerei serem mais autónomos, chamavam-me unicamente para que explicasse os processos técnicos, para chegarem ao resultado criativo final.

Considerações Finais da Aula Supervisionada

Ao chegar ao fim da minha última aula supervisionada, entrei em diálogo com a professora orientadora cooperante e com o professor supervisor, que em comparação com a minha primeira aula supervisionada, executada com a turma do 7º ano, da turma A, teria havido uma melhoria relativamente à minha prestação em contexto de sala de aula. Ambos os docentes referiram que a nível dos conteúdos seleccionados, o facto de ter optado pela apresentação de vários exemplos de curtas-metragens facilitou o processo de gestão da sala de aula, tendo em conta que se trata de uma turma numerosa e difícil de gerir. Os conteúdos apresentados nas curtas-metragens iam de encontro a temáticas de interesse desta faixa etária em particular. Os docentes consideraram também que a gestão do tempo para o acompanhamento individual dos alunos, tinha sido bem-sucedido. Tendo em conta aos aspectos negativos referidos, passaram não pela minha prestação, mas sim pelo comportamento geral demonstrado pela turma neste dia.

3.4. Avaliação das Aprendizagens dos Alunos e os seus Impactos

3.4.1. Escola Secundaria de Vendas Novas

12º ano, turma D

Ao proceder à análise dos trabalhos realizados, com os alunos da turma D, pude obter, através de vários diálogos, ao longo do desenvolvimento das Unidades Didáticas, respostas positivas quer por parte dos alunos quer por parte dos docentes.

Ao considerar de uma forma geral, as estratégias utilizadas nas apresentações PowerPoint, os alunos mantiveram-se mais concentrados nas aulas de apresentação, tendo em conta que se tratava de uma nova dinâmica de aula, facilitando os processos de registo de informação que lhes interessava. A nível das aprendizagens, os alunos afirmaram gostar da maneira como foram dadas as aulas, considerando “gratificante”, “útil” e “bom para o seu futuro académico”. Alguns referiram que a apresentação de artistas foi de facto positivo e que ao procederem ao registo de informações sobre os mesmos, que poderiam em casa seleccionar essa informação e pesquisar artistas que tenham desenvolvido trabalho dentro das mesmas temáticas. Este tipo de processos que os alunos recolhem e que por sua vez produzem fora da escola proporcionando novos conhecimentos culturais e artísticos, o que considero importante e necessário para o desenvolvimento de melhores aprendizagens na formação de alunos nas áreas das vertentes artísticas.

A nível dos exercícios práticos os alunos demonstraram algumas dificuldades no início, tendo em conta às carências técnicas que possuíam advindas da má gestão dos docentes de anos anteriores reflectindo-se nos processos de desenvolvimento das propostas de trabalho. No decorrer da PES, com as várias propostas de trabalho prático, e com o acompanhamento dado por mim e pelo meu colega de estágio, pudemos aferir uma grande evolução técnica dos alunos. Este tipo de evolução para além de ter sido confirmada através de uma análise dos desenhos executados dos alunos em tempo de aula, quer pelas docentes quer por nós estagiários, os alunos espontaneamente fizeram uma reflexão pessoal considerando também que eles mesmos assistiram a essa evolução.

A avaliação das unidades didáticas desenvolvidas por mim, nomeadamente o módulo “Origami” e o módulo “Lucian Freud”, os alunos revelaram mais dificuldade em executar o exercício pratico do modulo, tendo em conta que se tratava de um desenho de

uma cara, muitos não conheciam os cânones estruturais para executarem um desenho coerente no que diz respeito às proporções. Ao atender às dificuldades dos alunos, no que diz respeito ao cumprir com os objectivos que se pretendia com o exercício, foquei-me em auxiliar os alunos de maneira a que os mesmos aprendessem os cânones básicos para a construção do desenho anatómico da cara. Ao analisar esta aula que de facto foi um grande desafio, encerrando de forma bastante positiva, os alunos afirmaram ter conseguido aprender os cânones estruturais da cara, e pude comprovar isto através de alguns desenhos que executaram (espontaneamente) fora do tempo de aula nos Diários Gráficos.

O decorrer da PES na Escola Secundaria de Vendas Novas, tratou-se de um grande desafio, face às adversidades destacando-se todo o trabalho desenvolvido pelos alunos na tentativa de melhorarem as suas capacidades técnicas e teóricas.

3.4.2. Escola Básica André de Resende

7ºano, turma A

Tendo em conta ao trabalho desenvolvido durante a PES, com a turma do 7º ano, posso concluir através de vários diálogos informais quer através de um desenvolvimento de um questionário, que teve um balanço positivo nas aprendizagens dos alunos.

A disciplina de Educação Visual, segundo os alunos, encontra-se entre as disciplinas favoritas o que facilitou os processos de implementação das aprendizagens desenvolvidas. Tendo em conta que os alunos encontram-se numa “fase” na sua formação em que ainda não têm bem a noção das suas perspectivas para o futuro, a grande maioria considera que a educação artística é importante para a sua formação.

No decorrer da PES no ensino básico optei por recorrer às mesmas estratégias pedagógicas que no ensino secundário, nomeadamente procedi à apresentação de vários artistas contemporâneos. Posto isto pude aferir um balanço positivo junto dos alunos relativamente à recepção dos conteúdos abordados, assim como os mesmos gostariam que futuramente o docente da disciplina adoptasse a mesma didáctica pedagógica.

Ao proceder a uma análise das respostas dadas pelos alunos no questionário às quais dizem respeito o meu desempenho pode-se analisar o seguinte:

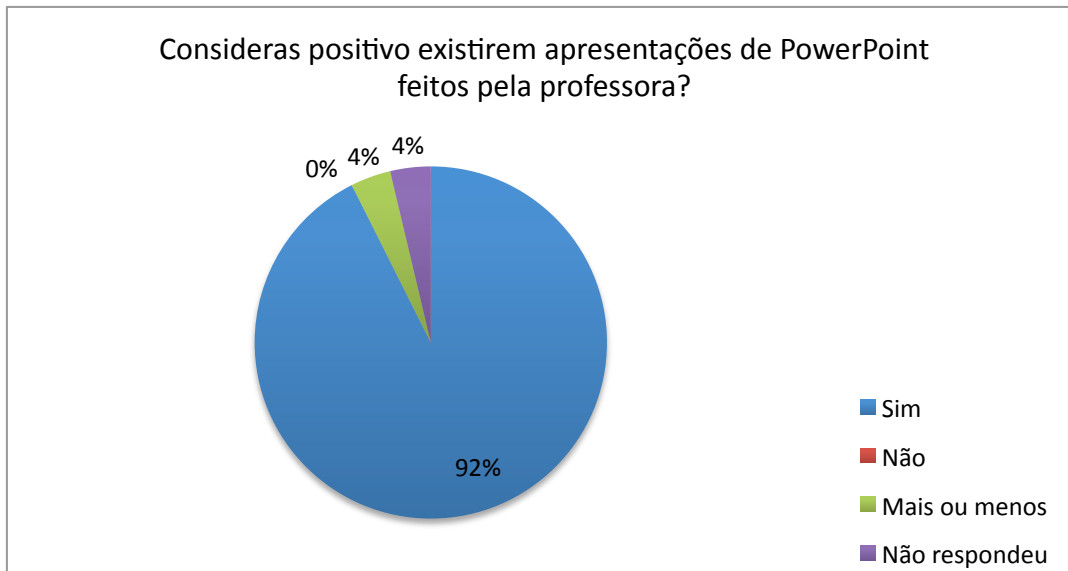


Gráfico 3 Gráfico representativo da pergunta 6 do questionário

O gráfico que se segue apresenta uma pergunta, que na sua constituição permite aos alunos várias opções de resposta.



Gráfico 4 Gráfico representativo da pergunta 7 do questionário

Para concluir considero que as estratégias utilizadas resultaram num “*feed back*” positivo, apesar do comportamento que os alunos apresentam que resulta num “levantamento barreiras”, quer para mim, quer para o docente no que diz respeito ao acto de transmitir informação, assim como para os próprios alunos que acabam por prejudicar as suas próprias aprendizagens.

4. Análise da prática de ensino

Ao proceder a uma reflexão da Prática de Ensino Supervisionada, pude vir a aferir ao longo de todo o processo que o meu desempenho foi deveras positivo. A formativa que compõe todas as disciplinas curriculares do Mestrado de Ensino de Artes Visuais, veio a complementar e aprofundar a minha formação como futura docente. Ao poder desempenhar pela primeira vez o papel de docente, foi provavelmente dos momentos mais gratificantes que alguma vez pude experienciar, ao conseguir trespassar a barreira que delineia o conhecimento teórico com o do “pôr em prática”, e saber desempenhar os mesmos de forma articulada foi de facto um desafio, e os resultados que pude obter a partir desta experiência são de facto um marco que me definirá futuramente como docente. A PES executada na Escola Secundária de Vendas Novas, proporcionou-me a oportunidade de poder trabalhar com a disciplina de Desenho A, a disciplina nuclear do curso de Artes Visuais, tendo em conta que para mim foi a disciplina “chave” que me deu as bases de conhecimentos técnicos e teóricos, para que mais tarde, pudesse dar desenvolvimento ao meu trabalho artístico, nomeadamente a Pintura. O facto de pessoalmente ter de facto gosto pela prática do desenho, o entusiasmo de ter a oportunidade de poder transmitir conhecimentos sobre a matéria, foi gratificante para o meu desenvolvimento pessoal. Ao iniciar a fase de observação, pude assistir a alguma carência técnica, por parte dos trabalhos dos alunos, e em diálogo com a docente que se encontrava pela primeira vez a leccionar o ensino secundário, eu e o meu colega disponibilizarmo-nos ao máximo para podermos auxiliar a docente e os alunos no desenvolvimento de Unidades Didáticas e das suas componentes técnicas. Nesta primeira fase da PES, a professora cooperante Olga Duarte e a professora da disciplina, deram-nos total liberdade para trabalharmos com a turma do 12º D, com o objectivo de proporcionar uma melhor preparação para o exame nacional da Disciplina de Desenho A. A partir da análise do conteúdo curricular que consta no site do Ministério da Educação, focamo-nos em seleccionar alguns dos exercícios exemplo do programa e desenvolvemos Unidades Didáticas adaptadas, de forma a tornar mais interactivo os exercícios para os alunos. Para a transmissão dos conhecimentos teóricos, eu e o meu colega de estágio apropriámos também a construção das Unidades Didáticas, de modo a tirarmos proveito das condições que a sala onde era leccionada a disciplina tinha para oferecer. No decorrer do desenvolvimento dessas Unidades

Didácticas, pudemos aferir um balanço positivo dos alunos em resposta aos mesmos, o que fez sentir todo o esforço, dedicação e empenho empregue na criação das Unidades, compensado. O desenvolvimento das relações com os alunos foi um dos factores que facilitou todo o processo da minha PES nesta instituição, proporcionando um bom ambiente educativo assim como facilitou também o processo de transmissão e recepção dos conhecimentos. Tendo em conta a todos os factores acima referidos, fizeram com que a minha passagem por esta instituição fosse bem-sucedida, ao fazer uma análise desde o momento que iniciámos o nosso trabalho com os alunos até ao final da minha PES nesta instituição, pude assistir a uma evolução gradual relativa aos trabalhos desenvolvidos pelos alunos e das suas capacidades para a prática do desenho.

No decorrer da PES na Escola Básica de André de Resende, posso considerar que à semelhança da minha presença na Escola Secundária de Vendas Novas, foi também gratificante. As aulas foram leccionadas com o acompanhamento da professora cooperante Maria João Machado, proporcionaram uma maior facilidade no desenvolvimento e acompanhamento dos alunos do 7ºA, tendo em conta que se tratava de uma turma turbulenta, os alunos foram receptivos às Unidades Didácticas, desenvolvidas, respondendo de forma positiva e pude obter resultados bastante criativos. No que toca ao desenvolvimento das propostas de trabalho, aqui obtive mais liberdade, para a exploração de resultados mais livres, enquanto que, durante a PES na Escola Secundária de Vendas Novas encontrava-me de certa forma condicionada a desenvolver todo o meu trabalho em função de preparar os alunos para o exame nacional e a ter que gerir as Unidades Didácticas em função dos exercícios sugestivos que constam no programa. Aqui pude dispor de uma maior liberdade, tendo em conta que o programa da disciplina de Educação Visual apresenta um cariz mais flexível, tendo em conta o desenvolvimento das metodologias e gestão de conteúdos cabe aos professores da disciplina a criação dos mesmos, consoante a dinâmica da turma. Assim foquei-me no desenvolvimento de Unidades Didácticas para a obtenção de resultados mais livres, optando por explorar a criatividade dos alunos.

Durante a PES em ambas as escolas, procurei desenvolver as Unidades Didácticas sempre com um cariz teórico-prático, pretendendo proporcionar aos alunos um conhecimento transversal alusivo ao desenvolvimento das temáticas e dos seus exercícios. A partir da componente expositiva, pretendi introduzir sempre nova informação no campo das Artes, nomeadamente a apresentação de artistas contemporâneos assim como dos seus trabalhos, com o objectivo de favorecer condições para que surja um aumento da cultura

visual dos alunos, assim como no discurso que optei para a apresentação dos mesmos, mantive sempre uma postura receptiva aos comentários dos alunos, surgindo assim momentos de diálogo, debate e trocas de impressões por parte dos alunos sobre os trabalhos apresentados. Considero que ao optar por este tipo de metodologia para a exposição teórica dos conteúdos, complementando com o desenvolvimento de exercícios alusivos à temática apresentada, os alunos conseguem reter uma maior e melhor quantidade de informação, tendo em conta que se encontram interessados pelos temas apresentados e pelo facto de serem eles mesmos a fazerem parte das suas aprendizagens, o que proporciona uma experiência relevante, em contexto educativo.

Considero que a partir das estratégias a que recorri a articulação entre os conteúdos expostos e os exercícios desenvolvidos em função das temáticas, foram bem-sucedidas, contribuindo para o desenvolvimento da compreensão artística, cultural, crítica e social dos alunos.

5. Participação nas escolas

Escola Secundária de Vendas Novas

Durante a PES, os alunos foram desenvolvendo desenhos livres no Diário Gráfico, sendo estes acompanhados e avaliados por mim e pelo meu colega João Jorge em conjunto com a docente da disciplina. Foi promovida e organizada uma actividade pela professora Nazaré Conceição, que ocorreu no dia 12 de Janeiro de 2013, no mercado municipal. A nossa participação nesta actividade, considero ter sido parcial, tendo em conta que foi organizada pela docente.

Esta actividade foi intitulada de “Anima Mercado” onde os alunos expuseram os seus diários gráficos, como forma de dar a conhecer à comunidade local do trabalho artístico que se encontravam a desenvolver. Os desenhos foram acompanhados na disciplina de Desenho A, sendo o cartaz desenvolvido pela turma, sobre o acompanhamento da professora de Oficinas de Multimédia.

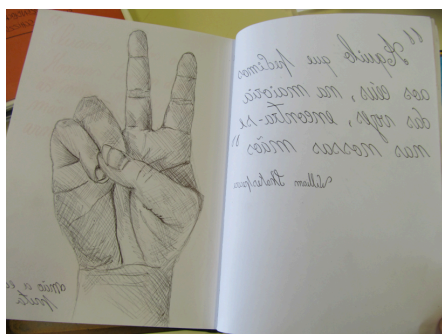


Imagem 4 Desenho 1 - Diário Gráfico
Fonte: Elaborada pelo Autor



Imagem 3 Desenho 2 - Diário Gráfico
Fonte: Elaborada pelo Autor



Imagem 5 Desenho 3 - Diário Gráfico
Fonte: Elaborada pelo Autor



Imagem 6 Desenho 4 - Diário Gráfico
Fonte: Elaborada pelo Autor

Escola Básica André de Resende

No decorrer da PES, com a turma do 7º ano da turma A, foi desenvolvido um projecto que se intitula de “Arte Contemporânea e Eu”. Este projecto traduziu-se em três fases, na primeira fase do projecto propus aos alunos que numa única palavra descrevessem o que entendiam como significado de Arte Contemporânea. Nesta fase do projecto os alunos desenharam a palavra que seleccionaram em pequenos quadrados de 10,5cm x 7,5cm. Na segunda fase do projecto os alunos usaram os desenhos das palavras, como suporte para a técnica do “marmorizado”, onde se pode obter os mais variados resultados. Por fim na terceira e última fase do projecto consistiu na montagem e enquadramento dos trabalhos dos alunos num painel.



Imagem 7 Exercícios
Fonte: Elaborada pelo Autor

Este projecto teve como objectivo promover a divulgação dos trabalhos dos alunos do 7º ano da turma A, com a comunidade educativa envolvente, promovendo um tema que visa investir numa educação artística para contemporânieidade.



Imagem 8 "Arte Contemporânea e eu"
Fonte: Elaborada pelo Autor

6. Desenvolvimento profissional

Tendo em conta ao desenvolvimento pessoal considero importante por parte dos docentes ainda em formação ou já com a formação completa frequentarem seminários e conferências, para que possa de certa maneira, ao entrar em contacto com este tipo de formativas contribuir para o desenvolvimento pessoal e profissional dos mesmos.

Durante o decorrer do meu primeiro ano de mestrado frequentei no dia 7 de Março de 2012, o seminário livre, organizado pelo Centro de Investigação em Educação e Psicologia (CIEP) e pelo Centro de Historia de Arte e Investigação Artística (CHAIA), coordenado pela Professora Doutora Genoveva Oliveira. Este seminário intitulado de “Museologia Critica, Arte e Educação”, tendo lugar no Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora.

Neste seminário, foram apresentados vários trabalhos cooperativos entre as escolas com os museus, que evidenciavam a importância da relação entre os mesmos e a maneira como esta cooperação foi benéfica, não só para os alunos no estabelecimento de relações com as entidades museológicas, mas também, no desenvolvimento de relações entre a comunidade educativa e a comunidade envolvente.

7. Conclusões

Para o desenvolvimento do meu trabalho durante a prática de ensino supervisionada, tive como fundamento teórico para a prática da mesma, a seguinte temática: “Educação para uma Melhor Compreensão da Arte Contemporânea”.

Com este tema procurei fazer uma abordagem reflexiva sobre o surgimento de novos públicos, na área das artes visuais, e essa mesma relação com a pluralidade social existente nas instituições escolares e a necessidade de reformulação curricular, para uma abordagem educativa artística contextualizada e direcionada para a contemporaneidade. Passando esta a ser tratada através de uma perspectiva educativa que não tem apenas como alicerces o conhecimento de obras de arte presentes no programa curricular da disciplina de História e Cultura das Artes, que mediante a pluralidade social do séc. XXI, tem-se vindo a demonstrar insuficiente para uma compreensão da existência da arte proeminente, que surge nos dias de hoje.

Atendendo à minha frequência na PES, desenvolvi um trabalho que vai pretender dar resposta à “carência” presente na educação artística actual, que se reflecte de facto nas aprendizagens dos alunos, nomeadamente os alunos que se encontram a frequentar o Curso Científico Humanístico de Artes Visuais. Estes encontram-se com uma carência preocupante, no que diz respeito à Cultura Visual. Para além deste factor, grande parte destes alunos no decorrer da sua formação, não conseguem adquirir as ferramentas necessárias para interpretar e executar uma leitura concisa de uma obra de arte, que vá corresponder às necessidades adequadas ao contexto artístico contemporâneo. Contudo, considero que para além da necessidade de existir uma reformulação curricular no Ensino Secundário, que forneça uma maior atenção no que diz respeito aos conteúdos teóricos, que estimulem o desenvolvimento da Cultura Visual, sentido estético e crítico dos alunos, é necessário existir uma consciencialização por parte dos docentes das disciplinas de expressões, que este tipo de necessidades não podem ficar totalmente dependentes dos alunos. Com a era tecnologia em que hoje nos encontramos a informação desmesurada a que os alunos têm acesso, nem sempre é a correcta, muito menos quando formulam considerações sobre arte. Cabe aos docentes, executarem uma selecção de informação contextualizada, que se tem vindo a tornar cada vez mais necessária para que haja uma melhor compreensão da arte contemporânea, e da importância que esta possui na construção identitária para os públicos emergentes.

Posto isto considero que deva de existir uma abordagem onde se pretenda, através uma perspectiva de reflexão – acção, em contexto educativo, uma abordagem do ensino das disciplinas das artes visuais, quer para o ensino secundário, quer para o ensino básico, que contemple uma perspectiva educativa que favoreça bases para um enriquecimento e amadurecimento de cultura visual, estética e sentido crítico dos alunos perante a arte.

Ao iniciar a PES, encontrava-me incerta sobre que tipo de “*feed back*” iria ter dos alunos no que diz respeito aos seus conhecimentos alusivos à temática que pretendia desenvolver. Mas com o decorrer da PES, e após ter procedido a uma análise executada através de vários diálogos informais, no início, durante e no final das aulas que tive a oportunidade de leccionar com o acompanhamento das professoras cooperantes de ambas as escolas, pude averiguar a carência real que os alunos possuem no que diz respeito a conteúdos básicos de Cultura Visual e de Estética.

Durante a minha permanência em ambas as escolas, considero ter desempenhado um papel interventivo no que diz respeito às aprendizagens teóricas que desenvolvi com os alunos, assim como o interesse dos mesmos para com as temáticas apresentadas. Foram recebidas com bastante entusiasmo e pude aferir junto dos próprios alunos que, de facto, tratava-se de uma abordagem que consideravam necessária para que complementasse a sua formação. Ao mesmo tempo, a partir dos exemplos que foram apresentados, eles mesmos poderiam executar uma pesquisa paralela, consoante os seus interesses, para que se actualizassem relativamente à arte que já foi produzida ou que ainda se encontra a ser produzida no séc. XXI.

Ter este tipo de *feedback* positivo, por parte dos alunos, durante a PES, foi de facto gratificante. Ouvir as opiniões dos alunos, marcando de facto cada vez mais a minha “identidade” no que diz respeito ao meu desenvolvimento profissional, foi também muito importante para mim.

8. Fontes e referências

APSA. *Síndrome de Asperger*. Acedido em de Março de 2013, em: <http://www.apsa.org.pt/sa.php>.

ARNHEIM, R. (1989). *Arte e Percepção Visual: uma psicologia da visão Criadora*. 5ª Edição. São Paulo: Livraria Pioneira Editora.

AUSUBEL, D. P. (1968). *Educational Psychology: a cognitive view*. New York: Holt Rinehart and Winston.

BAUDRILLARD, J. (2008) *A sociedade de Consumo*. 2ª Edição. Edições 70,Lda.

CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA (2013). *Caracterização do Concelho: Localização geográfica*. Acedido em de Fevereiro de 2013: <http://www.cm-evora.pt/pt/conteudos/Concelho/Caracterizacao+do+concelho/>.

CANE, F. (1951). *The artist in each of us*. New York: Pantheon. 34 p.

CHARRÉU, L. (2009). *Para uma Educação Artística em artes Visuais enfocada na contemporaneidade*. Em Rodrigues, Edvânia Braz Teixeira; Assis, Henrique Lima (Orgs). *O Ensino das Artes Visuais: Desafios e possibilidades contemporâneas*. Goiânia: Grafset Ed./ Secretaria de Educação do Governo do Estado de Goiás. 25-32 pp.

COLL,C., Marchesi, A. e Palacios, J. (2004) *Desenvolvimento psicológico e educação*. 2ª Edição. Arlmed.

DONIS, A. (2007) *Sintaxe da Linguagem Visual*. Cromosete Gráfica e Editora Ltda.

FRANZ, T. (2003) *Educação para uma compreensão crítica da arte*. Letras Contemporâneas Oficina Editorial Ltda.

GOVERNO DE PORTUGAL: Ministério da Educação e Ciência, Direcção Geral da Educação (2003). *Curriculo e Programas do Ensino Secundário: Tecnologias da informação e comunicação 9º e 10º ano*. Acedido em Janeiro de 2013, em http://www.dgicd.min-edu.pt/data/ensinosecundario/Programas/progtic_9_10ano.pdf

GOVERNO DE PORTUGAL: Ministério da Educação e Ciência, Direcção Geral da Educação (2004). *Curriculo e Programas do Ensino Secundário: Oficinas de Multimédia A-10º ano*. Acedido em Janeiro de 2013, em http://www.dgicd.min-edu.pt/data/ensinosecundario/Programas/oficina_multimedia_a_10.pdf.

GOVERNO DE PORTUGAL: Ministério da Educação e Ciência, Direcção Geral da Educação (2006). *Curriculo e Programas do Ensino Secundário: Oficina de animação e Multimédia 12º ano*. Acedido em Janeiro de 2013, em http://www.dgicd.min-edu.pt/data/ensinosecundario/Programas/oficina_animacao_multimedia_12.pdf.

HERNÁNDEZ, F. (2007) *Catadores da Cultura Visual: proposta para uma narrativa educacional*. Editora Mediação.

HETZER, H. (1959). *Psicologia Pedagógica*. 2ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

KRAPP, A. e Lemos, M. S. (2002). Os interesses dos alunos como condição e como objectivo da aprendizagem escolar. Em M. S. Lemos & T. R. Carvalho (orgs.), *O aluno na sala de aula*. Coleção Ciências da Educação séc. XXI. Porto Editora. Porto.

LEMOS, M. S. (2005). Motivação e Aprendizagem. In Miranda G. L. & Bahia S. (orgs.), *Psicologia da Educação: temas de desenvolvimento, aprendizagem e ensino*. Lisboa: Relógio D'Água.

LEONTIEV, D. (2011). *Fundações da Arte e Educação Estética*. Em: *Educação Estética e artística: Abordagens transdisciplinares*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Setembro de 1999 .129-147 pp.

LÉVY, P. (1994). *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro.

MELO, M. (2011). [Apontamentos das aulas, e informação da matéria transmitida pela docente, através de PowerPoints]. Departamento de Psicologia da Universidade de Évora, Mestrados em Ensino, Psicologia Educacional.

MUNARI, B. (1981). *Fantasia invenção, criatividade e imaginação na comunicação visual*. Editorial Presença.

NÓVOA, A. (2000). *Vidas de professores*. 2^a edição. Portugal: Porto Editora.

SANTOS, M. (2007). *Gestão de Sala de Aula Gestão de Sala de Aula: Crenças e Práticas em Crenças e Práticas em Professores Professores Professores do 1º Ciclo do 1º Ciclo do Ensino Básico*. Acedido em de Janeiro de 2013, em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6937/1/TESE%20DOUTORAMENTO%20MIGUEL%20A.%20SANTOS.pdf>.

STERNBERG, R. (2000) *Psicologia Cognitiva*. Porto Alegre: Artmed.

SZUNYOGHY, A. e FEHÉR, G. (2006) *Human Anatomy: For artists*. Konemann. 436,440 e 402pp.

TAYLOR, B. (2005) *Art Today*. Laurence King Publishing Ltd.

WILLIAMS, R. e NEWTON, J. (2007). *Visual Communication: Integrating Media, Art, and Science*. United States of America: Taylor & Francis Group.

WOOLFOLK, A. E. (1998). *Motivation: Issues and Explanations*. in *Educational Psychology*. Needham Heights: Allyn & Bacon.